



## **ACADEMIA MILITAR**

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria**

### **A Cavalaria Portuguesa e as Missões de Paz – Reflexos da Mudança da Arte Militar**

**Autor: Aspirante Aluno de Cavalaria Hugo Emanuel Rodrigues de Oliveira**

**Orientador: Professor Doutor António José Telo**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, Junho de 2016**



## **ACADEMIA MILITAR**

**Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria**

### **A Cavalaria Portuguesa e as Missões de Paz – Reflexos da Mudança da Arte Militar**

**Autor: Aspirante Aluno de Cavalaria Hugo Emanuel Rodrigues de Oliveira**

**Orientador: Professor Doutor António José Telo**

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada**

**Lisboa, Junho de 2016**

## **EPÍGRAFE**

*“Peacekeeping is not a job for soldiers, but only soldiers can do it”*

**Dag Hammarskjöld**

## **DEDICATÓRIA**

À minha família e amigos, pelo tempo que não vos dediquei.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar aos meus pais, à minha irmã e ao meu padrinho pelo apoio que me deram ao longo do curso da Academia Militar, por serem sempre o meu poço de força e o meu porto de abrigo.

À minha família e meus amigos, que sempre estiveram presentes com palavras de incentivo e admiração, fazendo com que nunca me esquecesse das minhas origens e dos meus objetivos.

Ao Sr. Professor António José Telo por ter aceitado ser orientador deste trabalho e por toda a disponibilidade, colaboração e dedicação nas diversas fases do mesmo. Um muito obrigado por me ter acompanhado, aconselhado e monitorizado.

A todos os meus camaradas e amigos do 6º CFGCPE de 2008, do 1º CFS de 2010 e do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada por toda a camaradagem e partilha de conhecimentos na minha curta carreira militar, antes da entrada na Academia.

Ao meu Diretor de Curso TCor Cav Miguel Freire pela sua exigência, preocupação e transparência, e aos TCor Cav Celso Bráz e TCor Cav Carlos Gabriel por toda a partilha de sabedoria, solidez e valores durante o 4º ano e Tirocínio Para Oficiais da Cavalaria.

Um especial agradecimento ao TCor Cav Jorge Ferreira pelo seu apoio e preocupação constantes, a quem recorri amiúde para esclarecer as várias dúvidas que foram surgindo e a quem apelei frequentemente, no sentido de me fornecer ajuda.

À Sra. Professora Alexandra Madail pela imprescindível ajuda na correção e formatação deste trabalho.

Aos Cor Cav Banazol, TCor Cav Marino, TCor Cav Alves Sousa, Major Cav Serrano e Maj Cav Cunha pela disponibilidade na partilha de informação e conhecimento, e pelas orientações facultadas.

Por fim, mas não por último, ao meu Curso de Cavalaria que estiveram sempre presentes nos piores e melhores momentos desta longa caminhada, fazendo com que nunca nenhum de nós caminhasse sozinho.

## RESUMO

O Exército Português tem projetado contingentes para participar em Missões de Paz sob a égide das principais Organizações Internacionais. Estas missões, pela sua complexidade exigiram das instituições militares a capacidade de atuar em conflitos em que as entidades desestabilizadoras se encontram no seio da população.

O presente trabalho está subordinado ao tema: “A Cavalaria Portuguesa e as Missões de Paz – Reflexos da Mudança da Arte Militar” e o objectivo desta investigação é compreender as alterações efetuadas nas Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo.

A metodologia utilizada para a realização do mesmo foi feita através do método indutivo, em que foi feito um estudo de caso baseado em Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo, com o objetivo de formular ideias e princípios a serem utilizados no Exército Português quer no mesmo teatro, quer em outros. A recolha de informação surgiu da análise documental e de algumas entrevistas feitas a militares que participaram em missões no Teatro de Operações do Kosovo.

Os resultados espelharam que as mais notáveis alterações a nível orgânico, de instrução e treino e de emprego de viaturas blindadas no teatro refletiram-se sobretudo pela integração na Reserva Tática do Kosovo Force e consequentemente pela gradual pacificação do conflito.

**Palavras-Chave:** Unidades de Cavalaria, Operações de Apoio à Paz, Arte Militar, Kosovo, Reserva Tática.

## ABSTRACT

The Portuguese Army has defined contingents to take part in Peacekeeping Missions under the aegis of main International Organizations. These missions have, due to the complexity, required the capability to act in conflicts in which the destabilizing entities find themselves in the midst of the populations.

The present research falls under the heading: “The Portuguese Cavalry and its Peacekeeping Missions – Reflections of the Change in the Military Art” and the aim of this research is to understand the alterations which took place in the Cavalry Units projected in Peace Supporting Operations in the Theatre of Operations in Kosovo.

The methodology used was the inductive method, where a case study was made based on Cavalry Units projected in Peace Support Operations in the Theatre of Operations in Kosovo, with the objective of forming ideas and principles to be used in the Portuguese Army, whether in the same theatre or in others. The gathering of the information came from the document analysis and interviews conducted to military participants in the Theatre of Operations in Kosovo.

The results reflected that the most significant organic alterations, of instruction and training and use of bulletproof vehicles in the theatre have reflected themselves mainly through the integration in the Tactic Reserve of the Kosovo Force and consequently through the gradual pacification of the conflict.

**Key-Words:** Cavalry Units, Peacekeeping Operations, Military Art, Kosovo, Tactical Reserve.

## ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO .....	iv
ABSTRACT .....	v
ÍNDICE GERAL .....	vi
ÍNDICE DE FIGURAS .....	ix
ÍNDICE DE TABELAS .....	x
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS .....	xi
INTRODUÇÃO .....	1
CAPITULO 1. REVISÃO DE LITERATURA .....	4
1.1 Operações de Apoio à Paz .....	4
1.2 A Arte Militar .....	6
1.2.1 Orgânica.....	7
1.2.2 Treino e Instrução .....	8
1.2.3 Viaturas Blindadas .....	8
1.3 As Organizações Internacionais.....	8
CAPITULO 2. METODOLOGIA CIENTÍFICA .....	11
2.1 Natureza da Investigação.....	11
2.2 Estratégias de Investigação.....	11
2.3 Forma de abordagem .....	12
2.4 Questões e Objetivos de Investigação .....	12



2.5 Limitação da Abordagem .....	13
2.6 Desenho de Pesquisa .....	14
2.7 Técnicas de Recolha de Dados .....	15
2.8 Caracterização da amostra .....	15
2.9 Modelo de Análise .....	16
2.10 Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos .....	17
CAPÍTULO 3. PORTUGAL NOS CAMINHOS DA PAZ .....	18
3.1 O Exército Português em Missões de Paz .....	18
3.2 As Missões de Paz da Cavalaria Portuguesa .....	19
3.3 O Teatro de Operações do Kosovo .....	21
3.3.1 Caraterísticas do Teatro de Operações .....	22
3.3.2 O Ambiente Operacional .....	23
3.3.3 A participação do Exército Português no TO do Kosovo .....	25
CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS .....	26
4.1 Evolução orgânica das Unidades de Cavalaria no TO do Kosovo .....	26
4.1.1 Agrupamento de Manobra da Brigada Multinacional Oeste (1999 a 2001) .....	26
4.1.2 Reserva Tática KFOR – Reserva Portuguesa (2005 a 2010) .....	28
4.1.3 Reserva Tática KFOR – Reserva Multinacional (2011 à atualidade) .....	29
4.2 Evolução da instrução e treino das Unidades de Cavalaria no TO do Kosovo .....	30
4.2.1 Aprontamento Administrativo Logístico .....	30
4.2.2 Aprontamento Orientado para a Missão .....	31
4.2.2.1 Controlo de Tumultos (CRC) .....	34
4.2.3 Preparação para a Projeção .....	36
4.3 As Viaturas Blindadas empregues por Unidades de Cavalaria no TO do Kosovo ....	37
4.3.1 Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (VBTP) M113 .....	37
4.3.2 Chaimite .....	38
4.3.3 VBL Panhard M11 .....	39

4.3.4 HMMWV - High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle .....	40
4.3.5 VBR 8x8 Pandur II .....	41
CAPÍTULO 5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....	44
5.1 Resposta às questões derivadas .....	44
5.2 Resposta à questão central .....	49
5.3 Dificuldades/Limitações .....	52
5.4 Recomendações .....	53
5.5 Futuras investigações .....	54
BIBLIOGRAFIA .....	55
APÊNDICES .....	i
APÊNDICE I – Missões de Paz das Unidades de Cavalaria .....	ii
APÊNDICE II– Orgânica das Unidades no TO do Kosovo .....	iii
APÊNDICE III– Número de horas de instrução dos Aprontamentos .....	iv
APÊNDICE IV– Número de munições consumidas nos Aprontamentos .....	v
APÊNDICE V– Número de Viaturas Blindadas empregues pelo Exército Português no TO do Kosovo .....	vi
APÊNDICE VI– Características das Viaturas Blindadas empregues pelo Exército Português no TO do Kosovo .....	vii
APÊNDICE VII– Tarefas da Força Portuguesa .....	viii
APÊNDICE VIII– Excerto das entrevistas a militares que participaram em missões no TO do Kosovo .....	ix
ANEXOS .....	xvii
ANEXO I – Missões do Exército Português no TO da Bósnia Herzegovina .....	xviii
ANEXO II – Missões do Exército Português no TO Do Kosovo .....	xix
ANEXO III – Missões do Exército Português no TO de Timor Leste .....	xx
ANEXO IV – STANAG 4569 .....	xxi

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1	Desenho de Pesquisa
Figura 2	Modelo de Análise

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	Missões de Paz das Unidades de Cavalaria.
Tabela 2	Orgânica das Unidades Portuguesas em Missões no TO do Kosovo.
Tabela 3	Número de horas de instrução nos aprontamentos.
Tabela 4	Número de munições consumidas nos aprontamentos.
Tabela 5	Viaturas Blindadas empregues pelas Unidades Portuguesas no TO do Kosovo.
Tabela 6	Comparação das Viaturas Blindadas empregues no TO do Kosovo.
Tabela 7	Tarefas/missões da Força Portuguesa nos diferentes períodos.
Tabela 8	Dados dos Entrevistados.
Tabela 9	Tabela resumo das Unidades que cumpriram Missões no TO da Bósnia-Herzegovina.
Tabela 10	Tabela resumo das Unidades que cumpriram Missões no TO do Kosovo.
Tabela 11	Tabela resumo das Unidades que cumpriram Missões no TO de Timor Leste.
Tabela 12	Níveis de proteção da tripulação em viaturas blindadas para projéteis.
Tabela 13	Níveis de proteção da tripulação em viaturas blindadas para granadas e minas.

## LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

Agr	Agrupamento
AOp/AOO	Área de Operações / <i>Area of Operations</i>
Asp	Aspirante
AM	Autometralhadora
Bat	Batalhão
BI	Batalhão de Infantaria
BrigInt	Brigada de Intervenção
BrigMec	Brigada Mecanizada
BrigRR	Brigada de Reação Rápida
Cav	Cavalaria
Comp	Companhia
CC	Carro de Combate
CI	Comunidade Internacional
CIMIC	Cooperação Civil Militar
CNU	Carta das Nações Unidas
CRC	<i>Crowd Riot Control</i>
CRP	Constituição da República Portuguesa
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
EULEX	<i>European Union Rule of Law Mission in Kosovo</i>
ERec	Esquadrão de Reconhecimento
FND	Forças Nacionais Destacadas

GAM	Grupo de Autometralhadoras
KFOR	Kosovo Force´
KTM	<i>Tactical Reserve Manoeuver Battalion</i>
KVM	<i>Kosovo Verification Mission</i>
LOE	Lei Orgânica do Exército
ModAp	Modulo de Apoio
MNB W	<i>Multinational Brigade West</i>
MTA	<i>Military Technical Agreement</i>
NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
NBQ	Nuclear Biológico Químico
OAP	Operações de Apoio à Paz
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCE	Organização para a Segurança e Cooperação na Europa
ORC	Operações de Resposta a Crises
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PelAt	Pelotão de Atiradores
PelEng	Pelotão de Engenharia
PelMort	Pelotão de Morteiros
PelRec	Pelotão de Reconhecimento
PDE	Publicação Doutrinária do Exército
PSYOPS	Operações Psicológicas
QCav	Quartel de Cavalaria
QO	Quadros Orgânicos
QP	Quadros Permanentes
RC3	Regimento de Cavalaria 3
RC6	Regimento de Cavalaria 6

RL2	Regimento de Lanceiros 2
SecLig	Secção de Ligação
SecMan	Secção de Manutenção
SecRec	Secção de Reconhecimento
SecVCB	Secção Vigilância do Campo de Batalha
TACP	Destacamento de Controlo Aéreo Tático
TACRES	<i>Tactical Reserve</i>
TO	Teatro de Operações
TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos
U/E/O	Unidade/Estabelecimento/Órgão
EU/UE	União Europeia
UEB	Unidade Escalão Batalhão
UEC	Unidade Escalão Companhia
UN	United Nation
UNMIK	<i>United Nations Interim Administration Mission in Kosovo</i>
UNOGIL	<i>United Nations Observation Group in Lebanon</i>
UNPBF	United Nations Peacebuilding Fund
UÇK	<i>Ushtria Çlirimtare e Kosovës</i> / Exército de Libertação Kosovo
VBL	Viaturas Blindadas Ligeiras
VBR	Viaturas Blindadas de Reconhecimento
VBTP	Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal
VCI	Viaturas de Combate de Infantaria
VCB	Vigilância do Campo de Batalha

## INTRODUÇÃO

*“Até à noite de 9 de Novembro de 1989, o Mundo estava mais preocupado em viver no conforto da segurança garantida pelo medo, num status quo proporcionava aos Estados a convicção de que só lhes dizia respeito o que se passava no seu interior e numa constatação de que era possível a segurança sem paz”*

(Sousa, 2011, p.271)

A pós-modernidade militar, marcada pelo fim da Guerra Fria<sup>1</sup> reflete-se na mudança do ambiente internacional, caracterizado pelo declínio das guerras entre estados e o deflagrar de guerras prolongadas no interior dos estados, as “novas guerras”<sup>2</sup>. Normalmente despertadas por diferenças étnicas, tribais, religiosas ou políticas, surgem sobretudo na África subsariana e no coração da Europa, deixando no seu sulco populações em situações de extrema carência. As missões de paz tiveram um crescimento notável, passando a constituir para as forças armadas uma modalidade de empenhamento prioritária, em que a formação e treino dos profissionais militares passaram a diversificar-se por funções suplementares da função de combatente (Vieira, 2001).

Embora seja na segunda metade do século XX que surgem as primeiras missões de paz, elas tem um acréscimo acentuado nos anos 90. Com esta tipologia de operações a instituição militar passa a intervir em conflitos onde as partes beligerantes estão inseridas no seio da população, exigindo das forças armadas renovadas competências e profissionalismo, bem como progressos a nível tecnológico, doutrinário e de formação dos militares. “A partir de 1989 as operações de apoio à paz tornaram-se mais complexas e

---

<sup>1</sup> Assinalada pela queda do muro de Berlim em 1989.

<sup>2</sup> “Conflitos internos em que se confrontam o estado e actores não-estatais num processo de interacção violenta, como resultado de diferenças étnicas, tribais, religiosas ou políticas” (Robert L. Pfaltzgraff, 1993, citado por Vieira, 2001, p.35).



multifacetadas, passando a caracterizar-se por um conjunto muito amplo e diversificado de atividades visando o estabelecimento e manutenção da paz” (Vieira, 2001, p.38).

As missões de paz têm um aumento significativo da década de 90, mantendo-se presentes até aos dias de hoje. O ambiente internacional evolui, as instituições adaptam-se, e as missões de paz da década de 90 são completamente diferentes das missões de paz nos dias de hoje. Raia então uma tendência crescente para a profissionalização da força militar, exigindo das alianças internacionais adaptações capazes de responder adequadamente aos conflitos que vão surgindo.

São a complexidade deste tipo de missões e as mudanças que estas exigiram das instituições militares, que me motivam para realização deste trabalho, pois é do meu interesse compreender como o Exército Português, com a experiência de missões em que estiveram presentes Unidades de Cavalaria, se adaptou às exigências das Operações de Apoio à Paz (OAP).

Neste contexto, optei por abordar o Teatro de Operações (TO) do Kosovo, pois de entre os teatros em que o Exército Português está presente é aquele para o qual foram projetados maior número de contingentes de Unidade Escalão Companhia (UEC) ou Unidade Escalão Batalhão (UEB). Além disso, devido à complexidade e evolução do conflito ao longo dos anos, a força portuguesa operou em períodos distintos com características específicas em cada um deles.

Acresce sublinhar que escolhi abordar apenas missões em que participaram Unidades de Cavalaria, porque a primeira força a entrar no teatro era comandada por um Oficial de Cavalaria, tal como no ano de 2015, o que permite fazer uma comparação inicial e final. Além disso, é a Arma a que pertença, tornando-se do meu interesse compreender qual a experiência internacional das Unidades onde poderei desempenhar funções, e, ao mesmo tempo, perspetivar os desafios que enfrentarei como Oficial de Cavalaria numa OAP. Deste modo, é um tema extremamente motivante do qual creio tirar proveito para o meu futuro como Oficial de Cavalaria.

Neste contexto, o objetivo geral deste trabalho é compreender quais as alterações efetuadas nas Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo desde 1999 a 2015. A este estão associados os objetivos específicos de descrever quais as alterações na orgânica das Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo desde 1999 a

2015, compreender quais as principais mudanças na instrução e treino das Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no TO do Kosovo desde 1999 a 2015, e indicar que meios estão ligados a essas alterações, nomeadamente em termos de Viaturas Blindadas.

Assim sendo, com a realização deste trabalho pretende-se responder à questão: *“Quais as alterações efetuadas nas Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo desde 1999 a 2015?”*

Nesta senda, começaremos por fazer um enquadramento conceptual relativamente a esta temática, passando por compreender o papel das Organizações Internacionais nas OAP. Posteriormente abordaremos a participação do Exército Português em OAP, para depois enunciarmos as várias participações de Unidades da Cavalaria Portuguesa em OAP e por fim analisaremos a evolução do conflito do Kosovo.

Naquilo que é o cerne deste trabalho, compreenderemos as alterações das Unidades de Cavalaria projetadas em OAP à Paz desde 1999 a 2015 no TO do Kosovo, a nível orgânico, de treino e instrução, e emprego de Viaturas Blindadas.

## **CAPITULO 1. REVISÃO DE LITERATURA**

### **1.1 Operações de Apoio à Paz**

Com a finalidade de facilitar a compreensão deste trabalho e assimilar os termos utilizados no desenvolvimento do mesmo, é bastante pertinente enunciar alguns conceitos relacionados com esta temática.

Neste sentido, o primeiro conceito a abordar é o da designação de “Operações de Apoio à Paz”, que é assim empregue para todas as ações, no âmbito da conservação de paz e segurança internacionais mandatadas pelas organizações internacionais competentes. Sempre que se aborda esta temática, podem ser utilizados de uma forma genérica os termos “Missões de Paz”, “Missões de Apoio à Paz”, “Operações de Paz”, “Força de Paz” (IESM, 1996). Ao longo deste trabalho utilizaremos o termo “Operações de Apoio à Paz (OAP)”, pois é a designação utilizada nas publicações doutrinárias do Exército.

Segundo (PDE 3-01, 2015)<sup>3</sup> as operações militares estão divididas em Operações Ofensivas, Operações Defensivas, Operações de Apoio Civil e Operações de Estabilização. As Operações de Estabilização são o “conjunto de missões, tarefas e atividades militares, conduzidas fora do território nacional em coordenação com outros instrumentos nacionais do poder ou integrando forças combinadas no âmbito dos compromissos internacionais assumidos por Portugal” (PDE 3-01, 2015, p.1-5). É neste contexto que se inserem as OAP, consideradas “operações multifuncionais conduzidas imparcialmente, normalmente em apoio de uma organização internacionalmente reconhecida (...) são designadas para se alcançar um acordo político de longo prazo ou outras condições específicas” (PDE 3-65, 2011, p.1-1)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Publicação Doutrinária do Exército - Tática das Operações de Combate Vol. I.

<sup>4</sup> Publicação Doutrinária do Exército - Operações de Apoio à Paz – Táticas, Técnicas e Procedimentos.

São tipos de OAP a Manutenção de Paz<sup>5</sup>, Consolidação da Paz<sup>6</sup>, a Imposição de Paz<sup>7</sup>, a Prevenção de Conflitos<sup>8</sup>, o Restabelecimento da Paz<sup>9</sup> e as Operações Humanitárias<sup>10</sup>. Seguindo esta linha de pensamento, torna-se imperioso fazer uma abordagem a cada um dos tipos de OAP acima referenciados.

O termo Manutenção de Paz surgiu quando o Secretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Dag Hammarskjöld<sup>11</sup>, utilizou a designação de “Peacekeeping Operations” e definiu os princípios das forças orientadoras deste tipo de operações, que emergem uma técnica completamente nova de controlo de conflitos, baseados na cooperação e na contribuição voluntária dos estados membros para os diferentes componentes da força da paz (Cavaleiro, 2005). “Estas operações são executadas com o consentimento das partes envolvidas num conflito e são planeadas para monitorizar e facilitar a implementação de acordos (ex: cessar-fogo) e apoiar os esforços diplomáticos para alcançar acordos políticos de longo prazo” (PDE 3-00, 2012, p.2-8). Neste momento as missões orientadas no TO do Kosovo inserem-se neste tipo de operações, como iremos constatar no Capítulo 3 do presente trabalho.

Segundo UNPBF<sup>12</sup> (2016) no seu relatório, “Uma Agenda para a Paz”<sup>13</sup>, o ex Secretário Geral da ONU, Boutros Boutros-Ghali<sup>14</sup> introduziu o conceito de Consolidação de Paz para a ONU como a ação para identificar estruturas de apoio, que tenderá a fortalecer e solidificar a paz, a fim de evitar uma recaída no conflito e ganhar a confiança da população. “As atividades de estabilização promovem a reconciliação, reabilitam e fortalecem as instituições e apoiam a reconstrução das estruturas económicas” (PDE 3-00, 2012, p.2-8).

O Restabelecimento da Paz trata-se de um processo de paz onde existe um esforço diplomático destinado a mover um conflito violento em diálogo não violento, onde as diferenças são resolvidas por meio de instituições políticas representativas. “É o processo

---

<sup>5</sup> Peacekeeping (PK).

<sup>6</sup> Peace Building (PB).

<sup>7</sup> Peace Enforcement (PE).

<sup>8</sup> Conflict Prevention (CP).

<sup>9</sup> Peacemaking (PM).

<sup>10</sup> Humanitarian Operations (HO).

<sup>11</sup> Foi secretário-geral das Nações Unidas (ONU) de Abril de 1953 até a 18 de Setembro de 1961, data da sua morte.

<sup>12</sup> Site do Fundo de Consolidação de Paz das Nações Unidas (United Nations Peacebuilding Fund - UNPBF).

<sup>13</sup> Uma sugestão de como a ONU poderia reagir a conflitos violentos, apresentada em 1992.

<sup>14</sup> Foi o sexto Secretário Geral da ONU de janeiro de 1992 a dezembro de 1996.

diplomático, de mediação, negociação e outras formas de solução pacífica para as disputas em causa com a finalidade de resolver os assuntos que conduziram ao conflito” (PDE 3-00, 2012, p.2-8).

Segundo UN (2016)<sup>15</sup> a Imposição de Paz envolve a aplicação de uma série de medidas coercivas, incluindo o uso da força militar, requerendo a autorização explícita do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). “A imposição da paz envolve a aplicação da força militar, ou a sua ameaça, normalmente através de mandato internacional, para obrigar ao cumprimento de resoluções ou sanções impostas para manter ou restaurar a paz e a ordem” ” (PDE 3-00, 2012, p.2-8). Também no Capítulo 3 do trabalho compreenderemos que numa fase inicial do conflito, o TO do Kosovo inseria-se no espectro da Imposição de Paz.

Na ideia de Oliveira (2011), os meios militares para a Prevenção de Conflitos objetivam-se normalmente no apoio aos esforços políticos e de desenvolvimento, de modo a reduzir as causas do conflito. “A prevenção de conflitos consiste nas ações tomadas antes de uma crise previsível para limitar ou evitar a violência, dissuadir as partes e alcançar um acordo antes do início das hostilidades. Embora a prevenção de conflitos seja uma atividade eminentemente política, pode requerer o emprego de forças militares para conter a escalada das hostilidades” (PDE 3-00, 2012, p.2-8).

Além da Manutenção de Paz , Consolidação da Paz , Imposição de Paz , Prevenção de Conflitos , o Restabelecimento da Paz, a ONU intervém em Operações Humanitárias num amplo leque de questões fundamentais, que vão desde o desenvolvimento sustentável até ao meio ambiente, passando pela proteção aos refugiados e direitos humanos, com o objectivo de coordenar os esforços para tornar o mundo mais seguro e melhor para as gerações presente e futuras.

## **1.2 A Arte Militar**

A Arte Militar é uma das mais antigas e complexas atividades sociais, abrangendo não só áreas da estratégia, tática, gestão, organização, liderança, administração, tecnologia,

---

<sup>15</sup> Site da Organização das Nações Unidas (ONU) – United Nation (UN).

doutrina, mas também da história, da política, da economia, da psicologia e muitas outras áreas. Esta é uma arte multifacetada pois abrange tudo o que é humano.

“Tem sido ao longo dos séculos uma das áreas mais complexas e exigentes da atividade social, da qual tudo o resto depende e que, por isso mesmo, é impossível de definir em termos rigorosos (...) Se há uma constante na arte militar ao longo dos milénios, é a sua capacidade de surpreender, de se adaptar a múltiplas mudanças, de produzir sempre resultados novos (Telo, 2014, p.11)”.

Não existe, portanto, uma definição vinculada de Arte Militar, ela altera-se a par da situação do paradigma internacional, “segue a evolução da sociedade, da sua organização coletiva e do poder, da sua economia, dos seus valores, entre os quais o da segurança, e o modo como ele pode ser atingido” (Santo, 2014, p.363)

Neste trabalho, abordaremos diversas áreas da Arte Militar. Falaremos de história, estratégia, política e economia nos capítulos dirigidos à participação portuguesa em missões de paz e ao TO do Kosovo. Organização, doutrina, tática e tecnologia serão abordadas no subcapítulo correspondente às alterações das Unidades de Cavalaria projetadas em OAP no TO do Kosovo. Correspondentes a cada uma das três questões derivadas do trabalho, abordaremos os conceitos de orgânica, treino e instrução, e viaturas blindadas.

### **1.2.1 Orgânica**

O Exército tem a sua organização geral determinada na Lei Orgânica do Exército (LOE) e a organização mais específica, nomeadamente das suas Unidades, Estabelecimentos ou Órgãos (U/E/O) dispostas em documentos denominados Quadros Orgânicos (QO). “A Unidade é uma parte essencial/faz parte permanente dessa unidade, está descrita no Quadro Orgânico (pessoal e material) e da lista de vencimentos” (Exército, 2014, p. 42). São esses Quadros Orgânicos que foram consultados e organizados para a realização deste trabalho.

### **1.2.2 Treino e Instrução**

O treino é um processo de atividades a decorrer numa unidade operacional, tendo em vista o incremento da proficiência operacional de uma unidade. “É toda a formação ministrada na Unidade/Estabelecimento/Orgão (U/E/O) de colocação cuja finalidade é manter ou aumentar os níveis de proficiência individuais” (CID, 2004, p. 60).

Englobando a formação, educação e o treino, a instrução é o “processo através do qual aos formandos (alunos) são proporcionados os meios necessários à aquisição de conhecimentos, aptidões e normas de procedimentos” (CID, 2004, p.44)

### **1.2.3 Viaturas Blindadas**

As Viaturas Blindadas podem ser empregues para transportar pessoal ou material de natureza tática, proteger os militares de estilhaços e do fogo de armas ligeiras, de minas e engenhos explosivos, mostrar força para reduzir focos de conflito, escoltar colunas ou executar patrulhas, reforçar postos de observação e de controlo, evacuar pessoal militar e civil para áreas seguras, entre outras.

As Viaturas Blindadas são viaturas de lagartas ou rodas utilizadas no combate, reconhecimento ou transporte de tropas, compostas por blindagem que protege a guarnição, dotadas de armamento, e com grandes possibilidades de deslocamento em todo o terreno (Armamento e Tiro de Carros de Combate, 1985). Nelas estão inseridos os Carros de Combate (CC), as Autometralhadoras (AM), Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP), Viaturas Blindadas de Reconhecimento (VBR), Viaturas de Combate de Infantaria (VCI), Viaturas Blindadas Ligeiras (VBL), entre outras.

## **1.3 As Organizações Internacionais**

“A garantia da paz e da estabilidade no nosso continente passa pelo reforço da cooperação e da articulação e pelo desenvolvimento das complementaridades e sinergias entre a ONU, a NATO, a UE, a OSCE ” (Cruz, 2002, p.9).

As OAP podem ser desenvolvidas num quadro multilateral, organizadas por forças multinacionais normalmente sob a égide das Organizações Internacionais competentes. As Forças Armadas têm sido empregues fora do Território Nacional, no âmbito da ONU, Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), entre outras. Como estas se revestem de grande interesse para o presente trabalho, de modo a compreender a atuação das Organizações Internacionais no conflito do Kosovo, abordaremos cada uma delas.

A ONU, também conhecida como Nações Unidas (NU)<sup>16</sup>, é uma Organização Internacional fundada em 24 de outubro de 1945, após o término da Segunda Guerra Mundial, com a intenção de impedir outro conflito dessa dimensão. Segundo UN (2016) a missão e o trabalho da ONU são guiados pelos propósitos e princípios contidos na Carta das NU<sup>17</sup>, que serve de orientação para instituir uma via pacífica para a resolução de conflitos. “As Nações Unidas, no início de 1990 e face às tensões regionais crescentes, reconheceram que a ausência de guerra e conflitos entre Estados, por si só, não assegurava a paz e segurança internacionais” (Santo, 2014, p.312). Efetivamente, tornam-se ameaças para a paz outras origens não militares a nível social, económico, humanitário, e ambiental. “Em 1992 o Secretário-Geral Boutros Ghali<sup>18</sup>, na sua “*Agenda para a Paz*”<sup>19</sup>, impeliu a ONU, pela primeira vez de uma forma explícita, a enveredar pelo domínio concetual da prevenção, gestão e resolução de conflitos (...) a organização passaria a intervir para gerir e impedir que a violência aparecesse ou reaparecesse” (Sousa, 2011, p.278). É neste quadro que se inserem as OAP contempladas ao abrigo do Capítulo VI - *Solução Pacífica de Controvérsias*, e do Capítulo VII - *Ação em Caso de Ameaça à Paz, Ruptura da Paz e Acto de Agressão*. Organizações como a União Europeia (EU), a OTAN, e a OSCE têm conjugado esforços com a ONU, na procura da complementaridade para concretizar aqueles desideratos.

A OTAN, também conhecida por Aliança do Atlântico Norte, ou Aliança Atlântica, é uma aliança militar intergovernamental<sup>20</sup> baseada no Tratado do Atlântico Norte,

---

<sup>16</sup> United Nations (UN).

<sup>17</sup> A Carta das Nações Unidas foi assinada em São Francisco, a 26 de Junho de 1945, após o encerramento da Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional.

<sup>18</sup> Político e diplomata egípcio que foi o sexto Secretário Geral da ONU de janeiro de 1992 a dezembro de 1996.

<sup>19</sup> Uma sugestão apresentada no ano de 1992 de como a ONU poderia reagir a conflitos violentos.

<sup>20</sup> Trata-se de uma organização composta principalmente de estados soberanos, referidos como Estados Membros.



assinado em 04 de abril de 1949. Segundo NATO (2016)<sup>21</sup>, a Aliança Atlântica está comprometida com a solução pacífica de controvérsias. Se os esforços diplomáticos falharem, tem a capacidade militar necessária para realizar Operações de Resposta a Crises (CRO)<sup>22</sup>. Estas são realizadas nos termos do Artigo 5<sup>23</sup> ou sob um mandato da ONU, isoladamente ou em cooperação com outros países e organizações internacionais. A OTAN, para além de manter as responsabilidades de defesa essenciais, adaptou-se internamente, reformulando estruturas e capacidades militares, assumindo outras tarefas como a gestão de crises e as OAP.

A OSCE é uma organização de países do Ocidente voltada para a promoção da democracia e do liberalismo económico na Europa. Conforme OSCE (2016), a organização aborda uma vasta gama de preocupações relacionadas com a segurança, incluindo o controlo de armas, medidas de segurança, direitos humanos, minorias nacionais, estratégias de policiamento, combate ao terrorismo e atividades económicas e ambientais. “É nestas áreas que reside a resposta sustentada e sustentável face ao terrorismo e aos fenómenos de que se alimenta, designadamente o extremismo, a xenofobia e o sectarismo, o tráfico de seres humanos, o tráfico de droga, o contrabando de armas, a corrupção e o branqueamento de capitais” (Cruz, 2002, p.12).

Entender a forma de atuação destas Organizações Internacionais no tabuleiro mundial e de cooperação é bastante relevante, para o âmbito deste trabalho, uma vez que permite compreender a intervenção militar no conflito do Kosovo, pelo que abordaremos esse assunto no Capítulo 3.

---

<sup>21</sup> Ver site da OTAN: <http://www.nato.int>.

<sup>22</sup> Crisis Response Operations (CRO).

<sup>23</sup> Non-Article 5 Crisis Response Operation (NA5CRO).

## **CAPITULO 2. METODOLOGIA CIENTÍFICA**

### **2.1 Natureza da Investigação**

Quanto à natureza da investigação existem dois tipos mais utilizados: a investigação fundamental e investigação aplicada. “A investigação aplicada tem por objetivo encontrar uma aplicação prática para os novos conhecimentos, adquiridos no decurso da realização de trabalhos originais (Carvalho, 2009, citado em IESM, 2014).

A natureza de investigação do presente trabalho é aplicada, uma vez que recorre ao estudo de conhecimento científico já confirmado e cujo objetivo é de aprofundamento do mesmo e de uma organização de ideias. Neste caso em concreto, far-se-á uma investigação aprofundada sobre a temática das OAP no TO do Kosovo.

### **2.2 Estratégias de Investigação**

As estratégias de investigação podem assumir-se como abordagens do tipo quantitativo, qualitativo ou misto. Dado a base do trabalho de investigação tratado assumir um carácter predominantemente descritivo, no qual são efetuadas análises a fenómenos específicos, optou-se por adotar uma estratégia de investigação qualitativa. “Estes estudos são essencialmente indutivos e descritivos (...) na medida em que a interpretação dos fenómenos sociais e a atribuição dos respetivos significados é feita a partir de padrões encontrados nos dados” (Vilelas, 2009, citado em IESM 2014). O principal instrumento de recolha de dados será a pesquisa bibliográfica e as entrevistas aos militares que participaram em missões no TO do Kosovo.

## 2.3 Forma de abordagem

Segundo Gil (2008) são vários os métodos básicos de investigação científica, designadamente: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico.

A base lógica que irá ser utilizada na presente investigação é o método indutivo. “O método indutivo corresponde a uma operação mental que tem como ponto de partida a observação de factos particulares para, através da sua associação, estabelecer generalizações que permitam formular uma lei ou teoria” (IESM, 2014, p.13).

Desta forma, irão ser analisadas as OAP no TO do Kosovo em que estiveram presentes UEC/UEB de Cavalaria, e através da análise e observação de factos particulares, estabelecer vulgarizações que permitam formular uma lei ou teoria para outras unidades no mesmo TO, ou até mesmo para diferentes teatros.

## 2.4 Questões e Objetivos de Investigação

Sendo as questões de investigação o fio condutor de uma pesquisa, neste trabalho pretende-se responder às seguintes questões:

Questão Central – *“Quais as alterações efetuadas nas Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo desde 1999 a 2015?”*

Questão Derivada nº1 – *“Quais as alterações na orgânica das Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo desde 1999 a 2015?”*

Questão Derivada nº2 – *“Quais as principais mudanças na instrução e treino das Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz TO do Kosovo desde 1999 a 2015?”*

Questão Derivada nº3 – *“Que meios estão ligados a essas alterações, nomeadamente em termos de Viaturas Blindadas?”*

A resposta a estas questões pretende atingir o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho:

*Objetivo Geral: Compreender quais as alterações efetuadas nas Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo desde 1999 a 2015.*

*Objetivo Específico nº1: Descrever quais as alterações na orgânica das Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo desde 1999 a 2015.*

*Objetivo Específico nº2 – Compreender quais as principais mudanças na instrução e treino das Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz TO do Kosovo desde 1999 a 2015.*

*Objetivo Específico nº3 – Analisar que meios estão ligados a essas alterações, nomeadamente em termos de Viaturas Blindadas.*

## **2.5 Limitação da Abordagem**

Neste trabalho apenas vão ser abordadas as OAP do TO do Kosovo em que houve a participação de pelo menos uma UEC/UEB de Cavalaria desde o ano de 1999 até ao ano de 2015, precisamente correspondentes à primeira e última missão no Kosovo com a participação de uma Unidade de Cavalaria UEC/UEB.

Dentro do período abordado, ao longo do trabalho, dividiu-se a pesquisa naquilo que consideramos os três diferentes períodos da participação portuguesa no Kosovo: 1999-2001 como Agrupamento de Manobra da Brigada Multinacional Oeste; 2005-2010 como Reserva Tática da KFOR (Força Portuguesa); 2010-2015 Reserva Tática da KFOR (Força Multinacional).

Dentro de cada período delimitou-se a abordagem apenas a três áreas específicas que correspondem à resposta das três questões derivadas, são elas: a evolução da orgânica, a evolução da instrução e treino, e o emprego de Viaturas Blindadas no teatro.

## 2.6 Desenho de Pesquisa

Conforme IESM (2014) podem ser considerados desenhos de pesquisa os seguintes: transversal, longitudinal, experimental, estudo de caso, comparativo, *grounded theory* e histórico.

O desenho de pesquisa utilizado neste trabalho é o Estudo de Caso que “consiste num procedimento metodológico através do qual o investigador procura recolher informação detalhada sobre uma única unidade de estudo, podendo essa unidade ser o indivíduo, a comunidade ou até mesmo a nação” (IESM, 2016, p.25). Desta forma, fazer-se-á um estudo de caso aos contingentes portugueses no TO do Kosovo em que participaram UEC/UEB de Cavalaria.

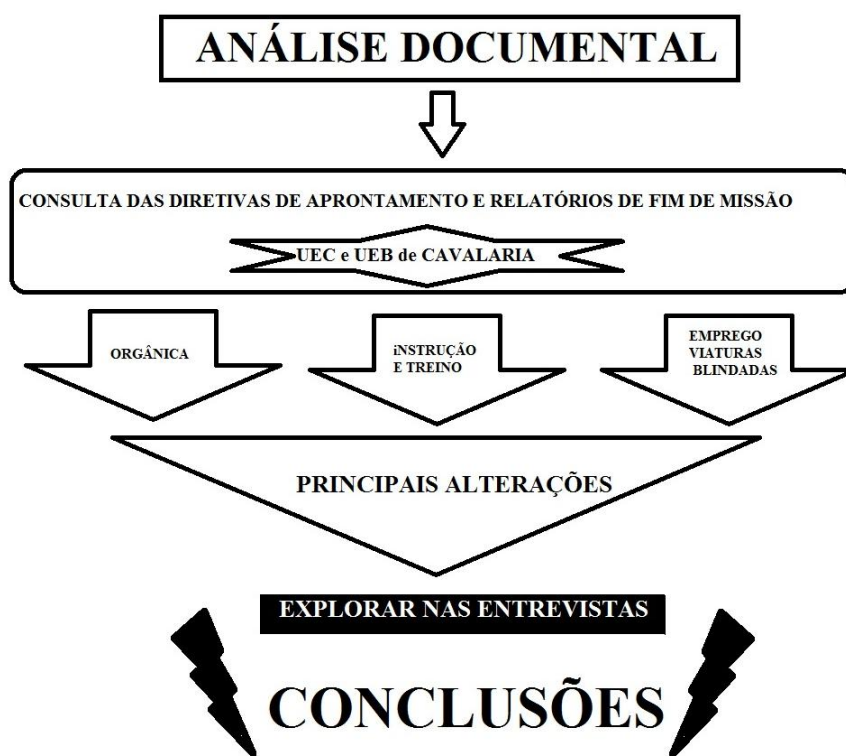


Figura 1 – Desenho de Pesquisa

## **2.7 Técnicas de Recolha de Dados**

As técnicas de investigação, quanto à recolha de dados, segundo Freixo (2011) podem ser por observação, inquérito por questionário e inquérito por entrevista.

Neste trabalho foi utilizado o inquérito por entrevista, que exige uma preparação mais aprofundada da parte do entrevistador e ao mesmo tempo possibilita orientar a entrevista para os objetivos pretendidos. Para tal é necessário a “definição de objetivos, construção do guião, escolha dos entrevistados, sendo ainda necessário ter alguns cuidados ao longo da realização da entrevista como saber escutar, confirmar, controlar o fluxo de informação, dar feedbacks ou evitar informações gerais” (IESM, 2014, p.30).

## **2.8 Caracterização da amostra**

Por amostra entende-se “um subconjunto não vazio dos indivíduos pertencentes a uma população. Uma amostra é representativa quando contém proporcionalmente todas as características qualitativas e quantitativas da população” (Sarmiento, 2013, p. 75).

As entrevistas efetuadas foram de caráter presencial e sobretudo exploratórias, feitas objetivamente para aprofundamento das pesquisas efetuadas na análise documental.

Deste modo, procurou-se entrevistar militares que estiveram presentes naqueles que consideramos serem os três períodos diferentes: 1999-2001, em que as unidades portuguesas estavam integradas no Agrupamento de Manobra da Brigada Multinacional Oeste, 2005-2010, em que constituíam a Reserva Tática da KFOR (Força Portuguesa), e de 2010 à atualidade, em que constituem a Reserva Tática da KFOR (Força Multinacional).

Assim sendo foram entrevistados 10 militares<sup>24</sup> que participaram em pelo menos uma missão no TO do Kosovo<sup>25</sup>, sendo 2 Comandantes de Agrupamento, 4 comandantes de Pelotão ou Esquadrão, 1 Instrutor de Controlo de Tumultos, 1 Tenente de Serviço de

---

<sup>24</sup> Ver Apêndice VIII – Dados dos Entrevistados (Tabela 8).

<sup>25</sup> Alguns deles em mais que uma missão nos diferentes períodos distintos.

Material, 1 Sargento Comandante de Secção, 1 Soldado e um Condutor de Viaturas Blindadas. Desta forma, tentou-se procurar obter informações nas diferentes áreas aos mais diversos níveis, preferencialmente com militares que estiveram em mais do que uma missão em períodos completamente diferentes.

## 2.9 Modelo de Análise

No decorrer da fase de estudo exploratório da presente investigação, surgiu a necessidade da elaboração de um modelo de análise que permitisse a observação de um conjunto de fatores solidamente observáveis, ao longo dos diferentes períodos abordados.

Desta forma construí-se o seguinte modelo de análise:

Períodos	Agrupamento de Manobra da Brigada Multinacional Oeste	Abordagem
	Reserva Tática da KFOR - Força Portuguesa	
	Reserva Tática da KFOR - Força Multinacional	
Orgânica	Efetivos, Organização, Unidades de Manobra, Unidades de Apoio	Emprego subunidades, criação/extinção unidades
Instrução e Treino	Educação Física, Topografia, Armamento e Tiro, Nuclear Biológica Química, Sapadores, Instrução Individual de Combate, Informação e Contra Informação, Saúde Higiene e Soccorismo, Combate em Áreas Edificadas, Controlo de Tumultos	Horas de instrução, nº exercícios, evolução treino
Viaturas Blindadas	VBTP M113, Chaimite, VBL Panhard M11, HMMWV, VBR Pandur	Emprego, características, vulnerabilidade, potencialidades

**ENTREVISTAS**

**CONCLUSÕES**

Figura 2 – Modelo de Análise

## **2.10 Estrutura do Trabalho e Síntese dos Capítulos**

Este trabalho está organizado em quatro capítulos base. No Capítulo 1, a Revisão de Literatura, faz-se um enquadramento das OAP, os vários tipos de OAP, um enquadramento conceptual a cada uma das áreas do trabalho e o significado das mesmas no presente trabalho, bem como um enquadramento das Organizações Internacionais, a nível de atuação em missões de resposta a crises, para que se possa entender a intervenção internacional no Capítulo 3, referente ao TO do Kosovo.

O Capítulo 2, o presente capítulo, faz uma abordagem à metodologia aplicada no trabalho, assim como à forma de o abordar e delimitar.

No Capítulo 3 faz-se um enquadramento do Exército Português e da Cavalaria Portuguesa em missões de paz, e, seguidamente, entra-se na assimilação daquilo que tem sido o ambiente operacional do TO do Kosovo ao longo dos anos e os principais empenhamentos das unidades portuguesas nos diferentes períodos para que se possa compreender o capítulo seguinte.

O Capítulo 4, Análise de Discussão de Resultados, constitui o cerne deste trabalho e nele são analisadas as alterações efetuadas nas Unidades de Cavalaria projetadas em OAP, ao longo dos anos, nas diferentes vertente - orgânica, treino e instrução, emprego de viaturas blindadas - sempre com a divisão dos três períodos mencionados anteriormente. Toda a informação adquirida neste capítulo é fruto da análise das Diretivas de Aprontamento e dos Relatórios de Fim de Missão de todas as missões em que participaram UEC/UEB de Cavalaria no TO do Kosovo.

No Capítulo 5, Conclusões, responder-se-á às questões derivadas e questão central e apontar-se-ão as principais limitações do trabalho assim como recomendações.

A organização deste trabalho segue, pois, uma sequência lógica, para que o leitor o consiga ler capítulo a capítulo, fazendo sempre o enquadramento entre os mesmos.



## CAPÍTULO 3. PORTUGAL NOS CAMINHOS DA PAZ

### 3.1 O Exército Português em Missões de Paz

Portugal, dentro das suas possibilidades e interesses tem participado em missões de paz em conjugação com outros países no quadro multilateral das organizações que se insere, com vista ao estabelecimento de um sistema internacional capaz de promover a solução negociada dos conflitos e garantir a paz.

Aliás, é neste quadro de missões que o Exército Português tem aprontado, projetado e mantido no exterior do território nacional, um conjunto significativo de Forças Nacionais Destacadas (FND) a fim de cumprir missões de carácter humanitário, de apoio à paz e de resposta a crises em todo o mundo. Operações Humanitárias e de Paz no quadro da OTAN, ONU, da EU, OSCE e ainda em missões externas de âmbito nacional, seja através de forças organizadas ou com militares isolados em funções nas diversas estruturas daquelas Organizações Internacionais (Cavaleiro, 2005).

“A participação dos militares portugueses em Operações de Apoio à Paz tem contribuído, de forma inequívoca, para a afirmação do país no tabuleiro internacional” (Sousa, 2011, p.290)

No âmbito interno, o enquadramento jurídico das missões de paz está previsto na Constituição da República Portuguesa (CRP)<sup>26</sup>, onde é mencionado que “incumbe às Forças Armadas, nos termos da lei, satisfazer os compromissos internacionais do Estado Português no âmbito militar e participar em missões humanitárias e de paz assumidas pelas organizações internacionais de que Portugal faça parte” (CRP, 2005).

A participação do Exército Português em missões de paz no âmbito das Organizações Internacionais conta com antecedentes longínquos. Foi na década de cinquenta do século XX, mais precisamente no ano de 1958, que cinco militares portugueses do Exército participaram na “*United Nations Observation Group in Lebanon*”

---

<sup>26</sup> Artigo 275ª – Forças Armadas.

(UNOGIL)<sup>27</sup>. Contudo, foi na década de noventa que Portugal aprofundou o seu compromisso de solidariedade com a paz e a segurança mundiais, designadamente no âmbito da OTAN e da ONU.

Ao longo dos últimos 20 anos cerca de 23.000 militares do Exército Português participaram, isoladamente ou em unidades constituídas em missões de paz no exterior do Território Nacional, distribuídas pelos diferentes países e Teatros de Operações: Afeganistão, Albânia, Angola, Bósnia e Herzegovina<sup>28</sup>, Burundi, Croácia, Ex-Jugoslávia, Guiné-Bissau, Iraque, Kosovo<sup>29</sup>, Líbano, Macedónia, Mali, Moçambique, República Centro Africana, República Democrática do Congo, Sara Ocidental, Somália, Timor-Leste<sup>30</sup>, entre outros.

Neste domínio, o Exército Português tem estado particularmente empenhado na ação externa de Portugal através da participação em várias missões sob os auspícios das Organizações Internacionais a que pertence, contribuindo de forma significativa e marcante para a afirmação de Portugal no mundo.

### **3.2 As Missões de Paz da Cavalaria Portuguesa**

Em termos operacionais, as unidades de Cavalaria têm contribuído ao longo dos anos isoladamente ou em unidades constituídas em OAP no exterior do Território Nacional. Quase sempre que as Brigadas a que pertencem recebem a missão de aprontar forças para este tipo de missões as Unidades de Cavalaria<sup>31</sup> são chamadas a participar, sendo ou não nomeadas como unidade mobilizadora.

A Brigada Mecanizada (BrigMec)<sup>32</sup> foi responsável pela preparação, aprontamento, projeção e sustentação de Unidades que cumpriram/cumprem missões fora do Território Nacional e dos cerca de 4800 militares que participaram nessas missões, sensivelmente 900 eram de Cavalaria, mais propriamente do Quartel de Cavalaria (QCav)<sup>33</sup>. Assim sendo, das 21 vezes que a BrigMec se constituiu como Unidade mobilizadora, em 6 dessas vezes

---

<sup>27</sup> Grupo de Observadores das Nações Unidas no Líbano.

<sup>28</sup> Ver Anexo I – Missões do Exército Português no TO da Bósnia Herzegovina.

<sup>29</sup> Ver Anexo II – Missões do Exército Português no TO do Kosovo.

<sup>30</sup> Ver Anexo III – Missões do Exército Português no TO de Timor Leste.

<sup>31</sup> Ver Apêndice I - Missões de Paz das Unidades de Cavalaria.

<sup>32</sup> Em tempos designada por Brigada Mista Independente (BMI) e Brigada Mecanizada Independente (BMI).

<sup>33</sup> Anteriormente denominado por Regimento de Cavalaria nº4, constituído pelo Grupo de Carros de Combate (GCC) e Esquadrão de Reconhecimento (ERec/BrigMec).

verifica-se a participação de uma UEC/UEB de Cavalaria, totalizando um total de 4<sup>34</sup> aprontamentos efetuados no QCav.

Relativamente à Brigada de Intervenção (BrigInt)<sup>35</sup>, esta aprontou e projetou 22 contingentes portugueses (UEC e UEB) em missões fora do Território Nacional e em 10 dessas vezes teve a participação do RC6, contribuindo com UEC ou UEB. Mais de 7500 militares da BrigInt estiveram presentes neste tipo de missões, contando com a contribuição de cerca 1200 militares do RC6. Ao todo foram efetuados 3 aprontamentos no RC6. Não sendo considerada uma OAP, mas sim um exercício multinacional, é importante destacar a participação do RC6 no *NATO Assurance Measures 2015*<sup>36</sup>, onde participaram 140 militares da Recce Coy/AM2015<sup>37</sup> na Lituânia, altura em que o Grupo de Auto Metralhadoras (GAM) cumpria missão no Kosovo com 177 militares. Trata-se de um empenhamento bastante considerável, se tivermos em conta que 317 militares da Unidade estavam fora do Território Nacional.

No que diz respeito à Brigada de Reação Rápida (BRR)<sup>38</sup>, esta aprontou e projetou 21 vezes UEC e UEB em missões de paz fora do Território Nacional, atingindo o número de cerca de 6000 militares projetados, contando com o contributo do ERec do RC3 em 3 vezes com cerca de 300 militares.

O Regimento de Lanceiros nº2 (RL2), de forma menos frequente que as Unidades de Cavalaria pertencentes às três Brigadas, também teve a sua participação em FND contribuindo com um Esquadrão Polícia do Exército (EPE) para o Kosovo, um pelotão PE para a Bósnia e Herzegovina, dois Pelotões PE para Timor-Leste, cinco Pelotões PE para o Afeganistão.

A antiga Escola Prática de Cavalaria<sup>39</sup> nunca projetou nenhuma UEC ou UEB em OAP, no entanto deu o seu contributo com grupos de militares que integravam outras Unidades de Cavalaria.

Assim, se analisarmos as OAP em que participaram Unidades de Cavalaria com efetivos UEC e UEB, podemos concluir que, das 22 FND que cumpriram missões no TO da Bósnia Herzegovina, 4 tiveram a participação de Unidades de Cavalaria. Os números variam no TO do Kosovo, em que das 25 FND projetadas 12 contavam com a presença de

---

<sup>34</sup> Mais 1 correspondente ao Agr BRAVO/BAI.

<sup>35</sup> Inicialmente conhecida como Brigada Ligeira de Intervenção (BLI).

<sup>36</sup> Surge por decisão do Conselho do Atlântico Norte (North Atlantic Council – NAC) com a finalidade de demonstrar a coesão e esforço de defesa coletiva da NATO e a sua capacidade de dissuasão contra qualquer ameaça.

<sup>37</sup> Designação atribuída ao ERec/BrigInt.

<sup>38</sup> Antigamente conhecida como Brigada Aerotransportada Independente (BAI).

<sup>39</sup> Extinta em 2013, data a partir da qual se criou a Escola das Armas.

Unidades de Cavalaria. No TO de Timor-Leste, 3 Unidades de Cavalaria estiveram presentes em 8 das missões.

Ainda que não sendo critério de análise no presente trabalho, importa referir que militares de Cavalaria participaram isoladamente ou em grupos, em missões nos TO do Afeganistão, Iraque, Líbano, Macedónia, Somália, entre outros.

Em síntese, os valores dissecados permitem concluir que, em 20 anos de participação portuguesa em OAP, foram projetadas cerca de 64 UEC/UEB e cerca de 23000 militares. Destas, 19 tiveram a participação de UEC/UEB de Cavalaria e em 8 delas foram efetuados aprontamentos em Unidades de Cavalaria, contribuindo com mais de 2500 militares, o que corresponde a 11 % dos militares projetados pelo Exército Português em OAP, e 29 % do número total dos contingentes projetados.

Dessa forma, desde 1998 até 2015, em todos os anos (com a exceção de 2007), existe uma Unidade de Cavalaria em aprontamento ou a participar numa OAP fora do Território Nacional.

### **3.3 O Teatro de Operações do Kosovo**

A região dos Balcãs<sup>40</sup> é caracterizada pelos drásticos conflitos que há séculos preenchem a história da região suscitados pela enorme diversidade étnica, cultural e religiosa dos povos que a habitam.

Em Março de 1999, as forças da NATO dão início à intervenção no Kosovo por intermédio de bombardeamentos aéreos. No entanto, esta intervenção foi executada à revelia do CSNU, tendo por isso levantado um conjunto de críticas e problemas de carácter moral e legal sobre a legitimidade da mesma (Branco, Carlos, 2010 citado em Oliveira, 2011). A 10 de Junho de 1999 é adotada a Resolução 1244<sup>41</sup>, estabelecendo-se, assim, um acordo de paz, a intervenção militar no Kosovo por intermédio do Kosovo Force

---

<sup>40</sup> Também conhecida por Península Balcânica, é uma região no sudeste da Europa que engloba a Albânia, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Grécia, República da Macedónia, Montenegro, Sérvia, o autoproclamado independente Kosovo.

<sup>41</sup> “A Resolução 1244 foi na prática a recuperação do Conselho de Segurança para avaliar e legitimar o *status quo* decorrente da intervenção da Alianças Atlântica, através do mandato atribuído à KFOR, a força de paz liderada pela NATO, e à administração internacional provisória da província.” (Branco, 2004, p. 51).

(KFOR)<sup>42</sup>, bem como a constituição de uma administração civil através da Missão de Administração Provisória das Nações Unidas no Kosovo (UNMIK)<sup>43</sup>.

Recorrendo ao enquadramento feito na Revisão de Literatura, verifica-se a implementação de um mandato da ONU, com o objetivo de impedir que a violência reaparecesse na região, ao abrigo dos capítulos VI e VII da CNU, sob uma força de paz liderada pela OTAN. Desde a data da implementação da Resolução 1244, as forças internacionais procederam ao processo de estabilização e pacificação da região com avanços e recuos.

Desde 2008 o Kosovo é reconhecido como um país independente por cerca de metade dos países-membros da ONU<sup>44</sup>, todavia, outra porção de países não o reconhece como país, mas como uma província separatista da Sérvia.

### 3.3.1 Caraterísticas do Teatro de Operações

O Kosovo fica localizado na Península Balcânica, entre o mar Egeu e o mar Adriático posicionando-se por isso num território atravessado por vias de comunicação que ligam o Ocidente ao Oriente (Correia, 2004 citado por Oliveira, 2011, p.121). O choque entre etnias, línguas e religiões é notório por se encontrar numa localização de confluência de povos originários quer do continente europeu, quer do continente asiático, registando-se por isso uma heterogeneidade de culturas.

É um país composto por várias zonas urbanas<sup>45</sup> com altitudes entre os 400 e 700 metros, rodeadas por várias cadeias montanhosas com 2 000 a 2 500 metros. O seu clima é de extremos durante o ano, ocorrendo quedas de neve entre dezembro e março e os verões e outonos são quentes e secos.

O Kosovo contém um território, com superfície de 10 908 Km<sup>2</sup> e uma população de cerca 1.800.000 de habitantes (Group, 2016), sendo que após “os conflitos e tensões ocorridas depois da II Guerra Mundial, os kosovares albaneses tornaram-se a etnia

---

<sup>42</sup> Força de paz internacional liderada pela OTAN responsável pelo estabelecimento de um ambiente seguro no Kosovo.

<sup>43</sup> *United Nations Interim Administration Mission in Kosovo (UNMIK)* sob a égide da ONU.

<sup>44</sup> Em 2014 obteve reconhecimento oficial de 107 (55,4%) dos 193 estados-membros das Nações Unidas; 23 (82%) dos estados membros da União Europeia; 24 (86%) dos 28 estados membros da OTAN.

<sup>45</sup> As principais cidades são Pristina (capital), Prizren, Urosevac, Diakovica, Pec, Gnjilane, Kosovska Mitrovica e Podujevo.

predominante, quase hegemónica” (Oliveira, 2011, p. 121), representando cerca de 90% da população total, 5% representa a população sérvia e os restantes 5% outras etnias presentes, como kosovares croatas, bósnios ou turcos.

### 3.3.2 O Ambiente Operacional

Após a escalada da violência no Kosovo entre o Exército de Libertação do Kosovo (UÇK)<sup>46</sup> e as tropas sérvias, ocorrida na década de noventa dá-se a intervenção da NATO, numa primeira fase por via aérea (que levou ao estabelecimento de um acordo de cessar-fogo entre os intervenientes no final de 1998), e numa segunda fase com verificadores inseridos na Missão de Verificação do Kosovo (KVM)<sup>47</sup>. Esta primeira intervenção verificou-se pouco eficaz, pelo que cessou no início de 1999 (Cavaleiro, 2005).

Em agosto de 1999, a KFOR inicia a sua participação no TO Kosovo com cerca de 50 000 efetivos com um dispositivo territorial baseado em cinco Brigadas Multinacionais e um Comando Central em Pristina.

Tendo em consideração o capítulo da Revisão de Literatura, podemos considerar a fase inicial da intervenção militar do Kosovo como uma operação de Imposição de Paz ao abrigo do Capítulo VII da Carta das Nações Unidas, pois nos primeiros anos “o ambiente operacional foi-se mantendo sempre instável, mas simultaneamente dando mostras de se ir tornando cada vez mais seguro” (Oliveira, 2011, p.124).

No início de 2002, a KFOR foi reduzida para cerca de 39 000 militares, em junho de 2003 para 26 000, e até ao final do mesmo ano para 17 500 militares. Paralelamente, o número de Brigadas foi reduzido de cinco para quatro. (NATO, 2016)

Com o evoluir da situação foram-se retirando os meios pesados do teatro, nomeadamente peças de artilharia, carros de combate e viaturas blindadas de transporte de pessoal de lagartas<sup>48</sup>. “Estes meios face ao desvendar na ameaça sérvia foram perdendo a sua utilidade” (Oliveira, 2011, p.132).

Em março de 2004, o Kosovo é assolado por uma onda de incidentes entre as forças da KFOR e Kosovares Sérvios e Kosovares Albaneses, conflitos que fazem retroceder o processo de resolução do conflito. O emprego da força armada nesta situação foi

---

<sup>46</sup> *Ushtria Çlirimtare e Kosovës* (UÇK) em Albanês.

<sup>47</sup> *Kosovo Verification Mission (KVM)*, foi uma missão da OSCE para verificar se as forças sérvias e jugoslavas estavam a cumprir o acordo da ONU.

<sup>48</sup> Dos meios referidos o Exército Português apenas usou a VBTP M113 no período 1999 a 2001.

extraordinariamente complexo, pois uma força que estaria equipada e treinada para fazer face a ameaças mais robustas, deparou-se com uma situação de controlar multidões sem armas à vista. “Os próprios soldados da KFOR foram alvos e a OTAN reforçou o contingente com cerca de 2 500 efetivos, tendo criado uma Reserva Tática<sup>49</sup> diretamente dependente do Comandante da Força” (Oliveira, 2011, p.133).

Esta Reserva Tática, denominada por KFOR Tactical Reserve Manoeuvre Battalion (KTM), foi garantida por Portugal a partir de janeiro de 2005 e o seu empenhamento visava fazer face a uma resposta rápida em toda a Área de Responsabilidade (AOR)<sup>50</sup> da KFOR, sendo uma unidade especificamente treinada em ações de Controlo de Tumultos (CRC)<sup>51</sup>. (NATO, 2016)

Em 2008 o Kosovo foi declarado como um país independente da Sérvia e, com uma aparente acalmia em termos de conflitos e violência no território, a KFOR e as restantes forças internacionais iam-se adaptando à mudança de situação e reduzindo aos poucos os efetivos.

Em fevereiro de 2010, iniciou-se a transição para a Deterrence Presence (DP), que consiste em reduzir gradualmente os efetivos militares, conduzida em 3 fases, denominadas GATE's: Fase 1 (GATE 1) – Foi atingida com sucesso no ano de 2010, reduzindo o número de tropas para sensivelmente 10 200 militares; Fase 2 (GATE 2) - redimensionamento da presença militar no TO para um efetivo de 5 200 militares, estruturados em dois Multinational Battlegroup (MNBG) e uma Reserva Tática; e Fase 3 (GATE 3) - redimensionamento da presença militar no TO para um efetivo de 3 000 militares. A GATE 2 teve início a 1 de março de 2011 e ainda se mantém com o efetivo de sensivelmente 4 472 militares. (GAM, 2015)

A partir de 2005 até aos dias de hoje, embora se tenham verificado situações de confrontos diretos entre a KFOR e outros atores existentes no teatro, “passaram a decorrer em simultâneo diversas atividades características quer nas operações de manutenção de paz quer da consolidação/construção da paz” (Oliveira, 2011, p.134), e o conflito tende a estabilizar gradualmente.

---

<sup>49</sup> *Tactical Reserve* (TACRES).

<sup>50</sup> Area of responsibility (AOR).

<sup>51</sup> Crowd and Riot Control (CRC).

### 3.3.3 A participação do Exército Português no TO do Kosovo

Portugal projetou unidades para o TO do Kosovo em três períodos distintos: 1999-2000 como Agrupamento de Manobra da Brigada Multinacional Oeste; 2005-2010 como Reserva Tática da KFOR (Força Portuguesa); 2010-2015 Reserva Tática da KFOR (Força Multinacional)<sup>52</sup>.

De 1999 a 2001 pertencia à Brigada Multinacional Oeste, sendo um dos três agrupamentos de manobra da Brigada. As principais tarefas eram contribuir para a implementação do acordo militar de 1999, garantir a segurança das populações e a liberdade de movimentos. O ambiente era instável, pois não havia polícia nem forças de segurança, e os patrulhamentos eram efetuados em viaturas blindadas.

No ano de 2001, e face aos desenvolvimentos no TO Timor Leste, as forças portuguesas retiraram deste TO enquanto forças constituídas. “Em 2004, com o fim da participação no TO Timor Leste e ainda com a redução de forças no TO Bósnia-Herzegovina (...), o Governo Português decidiu retomar a participação militar nacional no Kosovo através do empenhamento de uma UEB.” (Cavaleiro, 2005, p. 51). Imediatamente, a partir de janeiro de 2005, Portugal projetou mais um Batalhão para o Kosovo, para constituir a Reserva Tática da KFOR. Até março de 2011, o contingente português manteve-se no TO como TACRES, sempre com efetivos de aproximadamente 290 militares. As principais missões eram estar preparado para fazer face a qualquer ameaça de ambiente estável e seguro, assegurar a liberdade de movimentos, estar pronto a intervir na manutenção de ordem pública em qualquer ponto do Kosovo.

Precisamente nesta altura, derivado dos objetivos referidos no subcapítulo anterior (GATE 2), Portugal reduz o efetivo para cerca de 157 militares, tendo estes números sofrido poucas oscilações até à atualidade, nas unidades que foram sucessivamente empenhadas. Desde 2011 até à época atual, a Reserva Tática da KFOR passou a ser de constituição multinacional, em que o Comandante (Cmdt) é português, o 2º Comandante (2Cmdt) húngaro, o Estado Maior (EM) e a Companhia de Apoio multinacionais, composto por duas unidades de manobra (UEC), sendo uma portuguesa e outra húngara.

Como se pode inferir, devido a fatores políticos e estratégicos a força portuguesa tem sofrido alterações ao longo dos anos, analisá-las-emos no Capítulo seguinte.

---

<sup>52</sup> Ver Apêndice VII – Tarefas da Força Portuguesa.



## **CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

### **4.1 Evolução orgânica das Unidades de Cavalaria no TO do Kosovo**

A cada período estão associadas missões, tarefas e responsabilidades diferentes, que logicamente requerem orgânicas diferentes<sup>53</sup>, de maneira que se torna pertinente analisar individualmente cada uma delas.

#### **4.1.1 Agrupamento de Manobra da Brigada Multinacional Oeste (1999 a 2001)**

A Brigada Multinacional Oeste era uma Brigada de Comando Italiano composta por três Agrupamentos de Manobra, nomeadamente o Português, Italiano e Espanhol. Na altura o Agrupamento Português, tinha uma Área de Operações atribuída e uma área de responsabilidade delimitada, que pertencia ao município de Klina (mais ou menos no centro da área de responsabilidade da Brigada).

Neste período o Agrupamento estava organizado no Comando e Estado Maior, uma Companhia de Comando e Serviços e duas Companhias de Manobra, sendo que uma delas era um Esquadrão de Reconhecimento. Pela análise dos Quadro Orgânicos (QO), pode ver-se um Destacamento de Operações Especiais (DOE), que fora um contributo nacional dado ao comando da Brigada. “O comando da Brigada tinha as suas forças de manobra e depois tinha um conjunto de Forças Especiais de vários países e um deles era o DOE português” (Ferreira, 2016). Esse DOE, composto por 12 militares, trabalhava em proveito da Brigada e não em proveito do Agrupamento.

O Agrupamento tinha um efetivo com cerca de 300 militares, cujo Comando e Estado Maior variava entre os 31 militares. No seu Estado-Maior, o Agrupamento tinha as habituais secções de Pessoal, Informações, Operações e Logística, para além de oficiais

---

<sup>53</sup> Ver Apêndice II– Orgânica das Unidades no TO do Kosovo.

para as áreas técnicas de transmissões, finanças, saúde e assistência religiosa. Na organização interna no âmbito da área de Operações foram incluídos Oficiais, para a área da Cooperação Civil-Militar (CIMIC) e para a área das Operações Psicológicas (PSYOPS) e Informação Pública.

Na Companhia de Comando e Serviços existiam os meios necessários ao apoio logístico do Agrupamento, destacando-se os meios de transporte, comunicações, manutenção e apoio sanitário. Estavam também concentrados os meios de apoio de combate, nomeadamente os meios de Vigilância do Campo de Batalha (VCB) e os meios de Engenharia. Assinale-se, que “não foi empregue o Apoio de Combate nos moldes convencionais, mas em reforço da Célula CIMIC (no caso da Sec VCB) para trabalhos de protecção e melhoramento do aquartelamento, monitorização radiológica, bem como para acções CIMIC (no caso do PelEng)” (Ferreira, 2016).

Uma das duas unidades de manobra era tradicionalmente de Infantaria Mecanizada equipada com Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (VBTP) M113<sup>54</sup>. Esta unidade de manobra sempre foi equipada com VBTP M113, embora só o Agrupamento DELTA da BMI tivesse essas viaturas na sua orgânica. A companhia continha um Comando, uma SecMan e 2 PelAt<sup>55</sup>. As unidades de Polícia do Exército e da Infantaria Mecanizada viram-se obrigadas a alterar as suas orgânicas habituais, de modo a cumprir as suas tarefas do TO do Kosovo.

A outra unidade de manobra era sempre um ERec e, em cada missão, o ERec da Brigada correspondente. Este ERec era composto pelo seu Comando, SecMan, 2 PelRec e um PelMort. “O PelMort/ERec, nunca tendo funcionado como tal, estava preparado/instruído/treinado para actuar como tal. No dia-a-dia funcionou como um PelRec” (Banazol, 2016). Seria aplicado nas suas funções características apenas se entrasse em vigor o plano de defesa do aquartelamento, os morteiros tinham pré-definidas bases de fogos e objetivos. “No dia-a-dia o seu emprego era semelhante aos pelotões de manobra, executava as missões idênticas às mencionadas anteriormente, desempenhavam as mesmas funções que os restantes pelotões” (Serrano, 2016).

No período 1999 a 2001, a constituição do Agrupamento Português manteve-se praticamente igual, variando apenas as unidades pertencentes à Brigada mobilizadora da força.

---

<sup>54</sup> Excepto no Agrupamento BRAVO que se tratava de um Esquadrão de Polícia do Exército (EPE).

<sup>55</sup> 2 PelPE no caso do Agr BRAVO.

#### 4.1.2 Reserva Tática KFOR – Reserva Portuguesa (2005 a 2010)

Os efetivos desta Reserva Tática rondaram os 294 a 300 militares, divididos pelo Comando e Estado Maior, Módulo de Apoio (ModAp), Secção de Ligação (SecLig)<sup>56</sup>, uma Companhia de Serviços e duas Companhias de Manobra.

O Comando e Estado Maior mantiveram as suas normais funções e os efetivos reduziram de forma pouco significativa desde 2005, mantendo-se pouco alteráveis até 2010.

Surge, entretanto, o ModAp<sup>57</sup> que, embora tenha reduzido os efetivos para 6 elementos, se revela como parte integrante do Agrupamento, pois passa a estar ao dispor do comandante do Agrupamento. “É um módulo composto por militares com a especialidade de Operações Especiais que podiam fazer reconhecimentos especiais, proteção anti-sniper, e missões na proteção da força” (Cunha, 2016). No dia-a-dia os comandantes empregaram o ModAp em reconhecimentos especiais (sempre fardados e com viaturas militares), na proteção da força através da capacidade sniper e anti-sniper, identificando alvos para o sniper, e para garantirem a proteção imediata da força, caso a equipa sniper não conseguisse avistar o objetivos. “Tinham também a valência de equipa de proteção de pessoal, em que sempre que havia visitas ou era necessário garantir a proteção de alguma entidade eles também tinham essa capacidade, ou até mesmo fazer algum tipo de escoltas de maior perigosidade” (Ferreira, 2016).

A Companhia de Comando e Serviços (CCS) manteve-se bastante idêntica à anteriormente conhecida (variando os seus efetivos de 82 a 85 militares), apenas se verificando a transferência do PelMort do ERec para a CCS. Este PelMort cumpria quase todas as missões dos pelotões normais (patrulhamentos, checkpoints, segurança de pontos críticos), dispunha do material em contentor para, em caso de agravamento da situação, poder atuar como pelotão de morteiros. A sua extinção em 2010 deveu-se ao facto de não ser empregue como PelMort, condicionado pelas restrições que são colocadas do emprego de morteiros em ambiente urbano.

---

<sup>56</sup> Na orgânica anterior estava integrada no EM.

<sup>57</sup> Antigamente denominado por DOE com 12 elementos.

A companhia de manobra BravoCOY varia os seus efetivos de 92 a 94 militares e estava organizada pela Secção do Comando e por 3 PelAt equipadas com Chaimites e jipes<sup>58</sup>. A companhia de manobra CharlieCOY varia os seus efetivos entre 84 a 88 militares, composta pela Secção do Comando e por 3 Pelotões equipada com VBL Panhard M11 e Chaimites.

Entre o ano de 2005 e o ano de 2010, os efetivos do Agrupamento Português variaram de forma pouco significativa. Salienta-se o surgimento do ModAp<sup>59</sup>, da SecLig, a passagem do PelMort para a CCS e a extinção do mesmo em 2010. No restante, as duas Companhias de Manobra mantiveram-se praticamente inalteráveis.

#### **4.1.3 Reserva Tática KFOR – Reserva Multinacional (2011 à atualidade)**

A partir de 2011, os efetivos portugueses em missão no Kosovo reduziram-se quase para metade, passando de 294 para 157 militares.

O Comando e Secção de Comando não apresentam números muito diferentes dos anos anteriores, reduzindo-se para as 21 unidades. O ModAp mantém-se nos 6 militares, e a SecLig também passa a ter apenas 1 militar português.

A redução mais significativa verifica-se na Companhia de Apoio e Serviços que passa a ser dividida em militares dos dois países, reduzindo assim o efetivo português para 33 militares, chegando, recentemente aos 39 militares.

A Companhia de Manobra não mudou muito a nível de efetivos, relativamente às companhias de manobra da Reserva Tática (Força Nacional), passando para os 96 militares e variando até aos 105. Porém, aquilo que se modificou foi a sua constituição, que passou a ter o Comando, uma Secção de Reconhecimento a 10 militares, e 3 PelAt. Esta SecRec normalmente corresponde a militares que vêm das Zona Militar dos Açores ou da Madeira. “Essa secção não dispõe de viaturas específicas, ela dispõe dos meios que a companhia lhe dá. Cada comandante tem empregue a secção de reconhecimento de maneira diferente” (Ferreira, 2016), podendo dividi-la pelos PelAt, atribui-la à CCS para auxiliar nos serviços e apoio ao combate, ou a outra Secção que considerar pertinente.

---

<sup>58</sup> Ou HMMWV's na primeira missão (de 16FEV05 a 16SET05).

<sup>59</sup> Que se mantém nos dias de hoje.

## **4.2 Evolução da instrução e treino das Unidades de Cavalaria no TO do Kosovo**

De uma maneira geral, embora em alguns anos tenha assumido caracterizações diferentes, o aprontamento divide-se em 3 fases fundamentais: 1.<sup>a</sup> Fase, o Aprontamento Administrativo Logístico; 2.<sup>a</sup> Fase, o Aprontamento Orientado para a Missão; 3.<sup>a</sup> Fase, a Preparação para a Projeção. “O esquema de aprontamento tem sofrido alterações pouco significativas ao longo dos anos, podendo mudar o número de fases, mas basicamente divide-se em 3 fases que normalmente decorrem em paralelo ou quase em simultâneo” (Ferreira, 2016). Visando uma melhor compreensão da evolução da instrução e treino ao longo dos anos, abordaremos individualmente cada uma das fases, realçando o Aprontamento Orientado para a Missão, pois é a fase em que se treinam as tarefas mais relevantes, suscetíveis de serem desempenhadas no TO. Dentro deste, daremos mais ênfase ao CRC, pois foi das áreas que mais sofreu alterações, fruto de experiências adquiridas no TO do Kosovo. Seguiremos como referência a tabela<sup>60</sup> relativa ao número de horas disponibilizado por área de instrução.

### **4.2.1 Aprontamento Administrativo Logístico**

A primeira fase de aprontamento é uma fase destinada a preparar a unidade e os militares, para iniciar o treino orientado para a missão e a própria missão, quer a nível administrativo, quer a nível de nivelamento dos militares, quer na frequência de cursos e estágios. Consiste em “tratar de toda a documentação e colocar o homem pronto para iniciar a missão (vacinas, se está em condições médicas, condições físicas, fardamento que vai ser distribuído, etc.)” (Ferreira, 2016).

É também, a fase em que são ministrados os principais cursos e estágios. Estes cursos e estágios são normalmente frequentados na primeira fase do aprontamento, para que os militares já tenham essa valência na parte do Aprontamento Orientado para a Missão. No caso dos cursos de condutor de Viaturas Blindadas, nas primeiras missões, os condutores tiravam o curso consoante as viaturas orgânicas da força a que pertenciam. No

---

<sup>60</sup> Ver Apêndice III– Número de horas de instrução dos Aprontamentos.

entanto, ultimamente tenta-se dar mais do que uma valência ao mesmo condutor, “de modo a que existam militares habilitados em uma ou mais viaturas (de preferência várias) para poder dar a flexibilidade de fazer os ajustamentos necessários às tarefas que vão surgindo” (Ferreira, 2016). Importa referir que as Unidades de Cavalaria sempre tiveram um papel importante ao ministrar estes cursos de condutor (no caso da Escola Prática de Cavalaria<sup>61</sup>) e o curso de CRC (no caso do RL2<sup>62</sup>).

É ainda nesta fase que são ministradas as principais palestras sobre as características do TO do Kosovo e a contextualização das OAP. Desde 1999 têm sido uma vertente fundamental na instrução, pois sensibilizam e preparam os militares relativamente às características geográficas, culturais, demográficas do teatro, à ameaça existente, às ROE e ao enquadramento das OAP. “Há um conjunto de palestras que têm que ser dadas garantidamente, pois é imprescindível alertar os militares daquilo com que se vão deparar, principalmente a nível cultural” (Ferreira, 2016). Estas prolongam-se ao longo de todo o aprontamento, e, normalmente, uma vez por semana, são dadas palestras para todos os militares relativamente às particulares com que se poderão deparar na missão. “É completamente diferente da cultura de um país como o nosso onde a religião mais presente é a católica (...) se estivermos numa zona ao nível do mar, podemos andar menos de 1km e ter montanhas com cerca de 2000m” (Ferreira, 2016).

#### **4.2.2 Aprontamento Orientado para a Missão**

Nesta fase, os militares são treinados nas mais variadas áreas de interesse para a missão, “é o treino propriamente dito e o desempenhar de um conjunto de tarefas passíveis de ser desempenhadas na missão (tabelas de tiro, patrulhamentos, checkpoints, CRC, conhecimento da ROE, conhecimento da cultura do teatro, etc.” (Ferreira, 2016).

Indubitavelmente, as instruções de áreas puramente militares como o Armamento e Tiro, Topografia, Saúde Higiene e Socorrismo, Nuclear Biológica e Química (NBQ), Sapadores, Instrução Individual de Combate, Combate em Áreas Edificadas (CAE), Treino

---

<sup>61</sup> Até à sua extinção, os cursos de Chaimite, VBTP M113, VBL Panhard M11 e VBR Pandur eram ministrados eram ministrados na EPC.

<sup>62</sup> O RL2 é a Unidade responsável por ministrar todos os cursos/estágios de CRC do Exército Português.

Físico Militar, têm mantido a sua importância ao longo dos anos nos aprontamentos, pois são áreas inerentes ao treino militar.

O Treino Físico Militar visa desenvolver um programa de treino físico adequado às características da missão e da área de operações, através de ações diversificadas, sequenciadas e de dificuldade crescente para melhorar a destreza e maximizar a robustez física. Manteve-se praticamente idêntico ao longo dos anos e, no aprontamento, as unidades executam treino físico diariamente. Periodicamente, são feitas avaliações de desempenho através de provas de aptidão física e duas ou três marchas batalhão/companhia.

A instrução de Armamento e Tiro abrange todos os procedimentos e técnicas relacionadas com o manuseamento do armamento orgânico da unidade e a execução de tabelas de tiro. Devido à tendência para a estabilização do conflito, este tipo de instruções não se apresenta tão relevante como outras temáticas, mesmo assim mantém-se como parte fundamental na formação de qualquer força militar. As execuções de tabelas de tiro são feitas através de sessões de tiro sequenciadas, diversificadas e de dificuldade crescente, começando pelo tiro de adaptação, passando pelo tiro individual, coletivo, tiro instintivo, tiro de combate. De uma maneira geral, o número de munições consumidas<sup>63</sup> por todos os militares da força tem reduzido ao longo dos anos e aumentado significativamente para os militares das unidades de manobra. Denota-se um aumento de munições para treinos mais técnicos, como é o caso do tiro instintivo e tiro de combate. O tiro de Browning manteve-se constante na fase inicial, e tem vindo a decrescer desde 2008, curiosamente no ano em que o país declarou independência e o conflito tende a estabilizar. No que diz respeito ao tiro de morteiro, este revela-se pouco importante para o tipo de conflito, e acaba por deixar de se efetuar a partir de 2010, altura em que é extinto o PelMort. O lançamento de granadas apresenta também pouca importância ao longo dos anos. Os números de munições gastas por militar aumentam significativamente em 2011, o que se deve à redução de efetivos dos 294 para os 157 militares, em que o número total de munições pouco se alterou, correspondendo, então, mais munições a cada militar.

A instrução de Topografia afirma-se como um pilar importante na formação do militar, pois em todas as tarefas desempenhadas no teatro é importante estar contextualizado do terreno em que se opera. De uma maneira geral, o número de horas dedicado à instrução de topografia mantém-se pouco irregular, verificando-se uma tendência para um

---

<sup>63</sup> Ver apêndice IV – Número de munições consumidas nos Aprontamentos.

incremento de instruções mais orientadas para o uso de meios tecnologicamente desenvolvidos (como é o caso do GPS<sup>64</sup>).

As instruções sobre Saúde, Higiene e Socorrismo abrangem todas as formações relacionadas com prestação de primeiros socorros, gestão do stress, drogas e álcool, hábitos de higiene, nutrição e hábitos alimentares, tudo que esteja relacionado com o moral e bem estar do militar. Dada a sua importância mantêm-se regulares ao longo dos anos.

A instrução Nuclear, Biológica e Química aborda todas as técnicas e procedimentos relativos à proteção e descontaminação contra ataques NBQ. Embora o teatro do Kosovo não apresente incidentes deste âmbito, estas instruções têm-se mantido constantes ao longo dos anos.

A instrução de Sapadores abrange todas as instruções relacionadas com minas e engenhos explosivos (IED)<sup>65</sup>. Na fase inicial, em que as forças portuguesas entraram no teatro, haviam muitas minas não detonadas que foram diminuindo ao longo dos anos através da atuação de equipas de desminagem. Com a evolução da ameaça IED, e com experiência da participação de Portugal no TO do Afeganistão<sup>66</sup>, denota-se um aumento de instruções mais orientadas para esta ameaça, tais como a deteção e explosão de um IED, deslocamentos montados em ambiente com ameaça IED, e uma diminuição do número de instruções relativas às minas e campos de minas.

A instrução de Informação e Contra-Informação engloba todos os ensinamentos relacionados com obtenção de notícias, documentos e material apreendido, relacionamento com a população e entidades civis do teatro. Verifica-se um incremento no número de instruções ao longo dos anos, devido à importância da relação com população e órgãos de comunicação social neste tipo de missões.

A Instrução Individual de Combate, mesmo não sendo uma das áreas mais importantes para este tipo de missões, mantém-se pouco alterável ao longo dos anos, uma vez que pode haver a necessidade de fazer uso da força e ter a formação necessária para atuar em condições adversas.

O TO do Kosovo caracteriza-se por um teatro onde grande parte das ações são desenvolvidas em ambiente urbano, daí a importância do treino de CAE. De uma maneira geral, o treino de Combate em Áreas Edificadas tem sido dos que dispõem de mais horas

---

<sup>64</sup> Sistema de posicionamento global (Global Positioning System).

<sup>65</sup> Engenho explosivo improvisado (Improvised Explosive Device).

<sup>66</sup> A partir do ano de 2005.



de instrução, verificando-se uma tendência diminutiva ao longo dos anos para o treino de Controlo de Tumultos.

Compreenderemos o porquê dessa tendência no subcapítulo seguinte, sobre o qual é importante fazer uma abordagem mais pormenorizada, pois, como verificamos no Capítulo 3, a KFOR, a partir de 2005 passa a ter uma Reserva Tática Portuguesa especificamente treinada em ações de CRC.

#### **4.2.2.1 Controlo de Tumultos (CRC)**

O CRC tem sido a área de preparação que mais evoluiu ao longo dos anos, sendo nos dias de hoje uma das áreas que requer mais horas de treino durante os aprontamentos. As experiências de CRC no TO do Kosovo têm contribuído significativamente para a evolução deste conceito no Exército Português.

Em 1999-2001, as unidades em aprontamento passam a receber instrução de controlo de tumultos no RL2, no sentido de criar capacidade complementar de atuação e decisão em situações de alteração da ordem pública. “Não havia estágio de CRC, o que havia era ações de formação no âmbito de treino operacional das subunidades de Polícia do Exército, e eram sobretudo utilizados o armamento e equipamento” (Sousa, 2016). Além disso, não dispunham de equipamento específico para tal, pelo que o treino era feito com o equipamento orgânico (capacete kevlar, colete balístico, espingarda automática G3 7,62 mm).

“O CRC e respectivas Técnicas Táticas e Procedimento (TTP), passaram a ter maior importância para as forças da KFOR após os violentos e generalizados confrontos, entre Kosovares Sérvios e Kosovares Albaneses, registados em Março de 2004 e onde foram empenhadas todas as forças da KFOR” (Operacional, 2016). Depois deste incidente foram feitos esforços pela KFOR, no sentido de dotar as forças de melhores equipamentos e de mais valências, no âmbito deste tipo de operações. Como vimos anteriormente, com o regresso ao TO em 2005, a força portuguesa passou a fazer parte da Reserva Tática da KFOR em que uma das suas missões é atuar em todo o Kosovo (e eventualmente na Bósnia-Herzegovina), sob ordens directas do comandante da KFOR.

A partir de 2005, começaram a ser ministrados os cursos de CRC no RL2, “quando se voltou para o TO do Kosovo já havia curso para preparar a força portuguesa no regresso ao teatro, fruto das necessidades de haver uma maior confrontação com as forças oponentes perante as forças da ordem” (Sousa, 2016). Os militares começaram a usar material específico e passaram a estar equipados com armamento e equipamento bastante diferente das forças militares convencionais: kit anti-traumático que protege tórax, ombros, clavículas, cotovelos, canelas e joelhos; luvas, capacete e escudo de protecção pequeno redondo circular; como armamento, além da Espingarda Automática G3 7,62 mm, passam a usar um bastão de borracha de 70 cm e o lança granadas Cougar 56 mm<sup>67</sup>.

Outra alteração a registar a partir de 2005 foi a preparação de unidades CRC juntamente com unidades de CAE, isto é, “se tivermos dois pelotões prontos para CRC, teríamos o terceiro equipado para CAE de modo a apoiar a unidade CRC em caso de aumento do nível de ameaça (sempre numa postura defensiva, porque senão não seria uma operação CRC)” (Sousa, 2016). Nesta altura, o emprego de Viaturas Blindadas já era ministrado nos cursos, mas ainda não era algo considerado de grande relevância.

A 17 de março de 2008, em Mitrovica, desenvolveram-se dos incidentes mais violentos da história deste teatro. “Policias das Nações Unidas e militares da KFOR confrontaram-se com uma multidão organizada e preparada para enfrentar as forças da ordem, pela primeira vez desde o início da missão da NATO no Kosovo, armas de fogo, granadas e artifícios pirotécnicos” (Operacional, 2016). Uma das aprendizagens destes conflitos foi a “consciencialização de que o emprego de Viaturas Blindadas no CRC é importantíssimo” (Sousa, 2016), visto que confere protecção à unidade, em caso de haver armas letais no seio dos manifestantes, e possibilita o uso da arma da viatura como último recurso.

Em 2011, num confronto entre tropas portuguesas e manifestantes, onde vários militares portuguesas ficaram gravemente feridos, uma VBL Panhard M11 foi empurrada por um camião que fazia marcha atrás, tentando mandá-la abaixo de uma ponte<sup>68</sup>. Estes confrontos sensibilizaram as forças portuguesas para que, neste tipo de incidentes, devessem ser usadas viaturas mais robustas, que ocupassem espaço nas linhas da frente e que fossem pesadas o suficiente, para fazer face a qualquer tentativa por parte da

---

<sup>67</sup> Lança granadas lacrimogéneas.

<sup>68</sup> “Nessa altura estava isolado no meio da população, a dada altura tentaram balançar a viatura para empurrá-la para a lateral da ponte na tentativa de atirá-la abaixo” (Rodrigues, 2016). O Soldado Rodrigues era condutor da VBL Panhard M11 nesses acontecimentos.

população. Neste caso, as VBL Panhard M11 “revelaram-se impotentes contra a situação, pois não conseguiam fazer frente ao caminhão” (Gomes, 2016)<sup>69</sup>. Ou seja, além da consciencialização de que as Viaturas Blindadas são importantes no CRC, chegou-se à conclusão que tem de ser uma viatura suficientemente robusta para o fazer.

Além das viaturas, foram empregues novos equipamentos e TTP, “desde um treino mais realista de “fire fobia”, desde passar a ter munições não letais para a shotgun, o gás pimenta, a alteração das máscaras, fato ignífugo, a balaclava ignífuga<sup>70</sup>” (Ferreira, 2016). Todas estas alterações garantem mais proteção aos militares da força em CRC.

Surge, ainda, a preocupação de uma instrução mais real e com mais importância de planeamento: “houve sobretudo um reforçar das instruções de planeamento, incorporar a Engenharia nesse planeamento, o emprego dos militares de Operações Especiais na ameaça anti-sniper, o emprego de canhões de água, um treino mais real e mais intenso” (Sousa, 2016), que, logicamente, exige uma maior dedicação de horas de instrução ao treino de CRC.

Como podemos constatar, o conceito de CRC no Exército Português evolui de forma significativa na última década, fruto de experiências vividas do TO do Kosovo, onde em algumas estiveram envolvidas de Unidades de Cavalaria. Se analisarmos a evolução no número de horas dedicadas ao Controlo de Tumultos, ao longo dos anos, verifica-se um incremento significativo, com especial consideração para 2012, que, curiosamente, é o ano a seguir aos confrontos anteriormente referidos. Todas essas experiências e exigências fazem com que hoje em dia o CRC seja a área de instrução que a unidade em aprontamento dedica mais horas de treino.

#### **4.2.3 Preparação para a Projeção**

Na terceira e última fase reajustam-se os últimos aspetos para fazer a projeção da força a nível humano e material, “em que basicamente se pega no conjunto de materiais e equipamentos que se vão projetar, recolhe-se as bagagens individuais e coletivas e se colocam para serem projetadas” (Ferreira, 2016).

---

<sup>69</sup> Primeiro Sargento Gomes estava na linha da frente nesses acontecimentos.

<sup>70</sup> Uma balaclava ignífuga é um gorro confeccionado normalmente com malha que se veste de forma ajustada na cabeça até o pescoço protegendo o militar contra o fogo.

### **4.3 As Viaturas Blindadas empregues por Unidades de Cavalaria no TO do Kosovo**

Desde a primeira participação de UEC/UEB do Exército Português no TO do Kosovo em 1999, até aos dias de hoje, as forças portuguesas contaram com Viaturas Blindadas<sup>71</sup> como a Chaimite, VBL Panhard M11, VBTP M113, HMMVW e mais recentemente a VBR Pandur II. Tratam-se de viaturas com características distintas, o que permite ao comandante da força uma maior flexibilidade de empregabilidade das mesmas. Importa referir que além destas Viaturas Blindadas as forças portuguesas também foram equipadas com viaturas táticas ligeiras, médias e pesadas, que eram muitas das vezes utilizadas para cumprir o mesmo tipo de missões que as Viaturas Blindadas.

Na Arma de Cavalaria todos os graduados dos Quadros Permanentes (QP) têm formação técnica e tática em todas as famílias de viaturas, o que é uma mais-valia pois não necessitam de frequentar cursos de formação relativamente às viaturas na fase inicial do aprontamento. No caso das praças não a possuírem, estas são formadas para um determinado tipo de viatura, podendo acontecer, por necessidade de serviço, dar dupla valência a um determinado militar. Estes cursos foram ao longo dos anos ministrados na Escola Prática de Cavalaria<sup>72</sup> até à sua extinção em 2013, data a partir da qual passaram a ser ministrados em várias unidades do país. Apenas o curso de VBL Panhard M11 continua a ser ministrado numa Unidade de Cavalaria (RC3).

Analisaremos as características das diferentes viaturas, iremos contemplar as possibilidades e limitações do emprego destas no TO. Importa referir que as características das viaturas explanadas na tabela de comparação<sup>73</sup>, são referentes ao modelo base de cada uma delas pois existem várias versões.

#### **4.3.1 Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (VBTP) M113**

As VBTP M113 apenas foram usadas no TO do Kosovo no período de 1999-2001. O ambiente era propício ao acontecimento de situações de intranquilidade social, sendo,

---

<sup>71</sup> Ver Apêndice V– Número de Viaturas Blindadas do Exército Português no TO do Kosovo.

<sup>72</sup> Excepto os cursos correspondentes às viaturas HMMWV.

<sup>73</sup> Ver Apêndice VI– Características das Viaturas Blindadas empregues pelo Exército Português no TO do Kosovo.

portanto, necessário que as unidades de manobra estivessem equipadas com viaturas que oferecessem segurança aos militares, de modo a cumprir as tarefas com um risco reduzido.

Tratando-se de uma viatura de lagartas com cerca de 11 toneladas, com blindagem que garante proteção à sua guarnição, com uma Metralhadora Pesada 12,7 mm acoplada no topo da viatura, era uma viatura apropriada para cumprir tarefas em que fosse necessária demonstração de força. Ou mesmo fazer patrulhamentos de curtas distâncias, segurança e defesa de pontos sensíveis e pontos críticos. Era também adequada para operações de cerco e busca, montagens de postos de controlo, ou até mesmo para atuar como uma força de reforço de CRC. “Era mais dissuasor um checkpoint com viaturas de lagartas (...) o ruído do motor do M113, associado ao barulho das lagartas a fazer tração em cima do alcatrão, provocava algum constrangimento nos principais agitadores locais” (Loureiro, 2004, p.18).

No entanto, sendo um teatro representado por zonas urbanas e estradas maioritariamente alcatroadas, este constituía um fator limitador para viaturas de lagartas, devido à velocidade máxima, à tração ou até à visibilidade do condutor. Além disso, a inexistência de sistema de aquecimento e arrefecimento (tendo em conta as temperaturas mínimas e máximas do Kosovo), assim como o conforto da viatura, fazem da VBTP M113 uma viatura pouco cómoda para patrulhamentos de longa duração, salientando que das Viaturas Blindadas que Portugal usou no TO é a que ostenta maior consumo. “A manutenção de uma viatura de lagartas é substancialmente mais complexa que a manutenção de viaturas de rodas” (Serrano, 2016) e requeria por parte das guarnições “uma manutenção preventiva de cinco em cinco dias” (Loureiro, 2004, p.18).

Deste modo, conclui-se que o emprego destas viaturas no TO não só garantiam a capacidade dissuasora necessária, como também ofereciam segurança para que os militares cumprissem as suas missões com o menor risco, “os M113 eram o que tínhamos de mais musculado, penso que a sua presença foi vantajosa” (Banazol, 2016).

#### **4.3.2 Chaimite**

A Chaimite equipou as unidades portuguesas no TO do Kosovo desde 1999-2001, voltando ao teatro em 2005 e sendo retiradas em 2013, tornando-se das viaturas mais utilizadas de sempre neste teatro.

Também devido às suas dimensões, proteção que garante às suas guarnições, através da sua blindagem e armamento, ao peso de cerca 7 toneladas, a Chaimite constituiu-se uma viatura apropriada para segurança e defesa de pontos sensíveis e pontos críticos, operações de cerco e busca, montagem de postos de controlo, e todo o tipo de missões ou tarefas em que seja necessário fazer demonstração de forças. “É uma viatura que garante uma boa proteção, segurança e garante uma fácil condução no teatro quer seja no verão ou inverno” (Cunha, 2016).

Além disso, fazendo proveito da sua mobilidade e poder de choque, era uma viatura profícua para fazer patrulhamentos, escoltas ou até mesmo para atuar como força de reação rápida. No entanto, na mesma linha de pensamento usada para a VBTP M113, o facto de não ter sistema de aquecimento/arrefecimento e não ser uma viatura muito cómoda, não era a mais indicada para patrulhamentos de longas distâncias. A Chaimite “apresentou ser uma viatura bastante desatualizada para a época, tendo apresentada limitações e problemas a nível de mecânica, apresentou ainda limitações para temperaturas frias, normais no Kosovo, não tendo qualquer tipo de aquecimento” (Noruegas, 2016).

No que diz respeito ao CRC, esta confere proteção adicional aos militares na frente ou flanco da força. É também proveitosa para retirar feridos do local com mais segurança, devido à sua proteção blindada e capacidade para transportar até 10 militares.

Relativamente à manutenção, embora se tratasse da viatura mais antiga presente no teatro e requeresse cuidado acrescido de manutenção, não era uma viatura que desse grandes preocupações, pois era uma viatura de fabrico português cujas peças percorriam um canal de manutenção curto e aligeirado.

O emprego destas viaturas ao longo dos anos clarifica-se como enaltecido pois de uma maneira geral sempre cumpriram as tarefas e missões que foram surgindo.

#### **4.3.3 VBL Panhard M11**

A VBL Panhard M11 foi a viatura mais usada pelas forças portuguesas no TO do Kosovo e esteve presente em todos os períodos da presença portuguesa (1999 a 2001 e de 2005 à atualidade). Atualmente, o contingente português dispõe de 18 VBL Panhard M11

no TO. “A alta mobilidade deste veículo, adicionada á sua facilidade de transporte, torna-o bastante fléxivel no que respeita à sua utilização neste TO” (Marino, 2016).

Tendo em conta as suas dimensões e a sua alta mobilidade, trata-se de uma viatura apropriada para fazer patrulhamentos, recolha de informação e reconhecimentos, pois, além da capacidade de aceder a zonas que outras viaturas de maior dimensão não conseguem, garante ainda proteção (seja pela blindagem, seja pela arma 12,7 ou 7,62 mm na parte superior) e conforto aos militares (seja pelos bancos no interior da viatura, seja pelo sistema de aquecimento/arrefecimento). É também a Viatura Blindada usada no teatro que tem o consumo mais baixo. “É uma viatura versátil, rápida e segura, que permite conforto em condições adversas” (Cunha, 2016).

Relativamente ao CRC, esta viatura apresenta algumas vulnerabilidades<sup>74</sup>. Devido às suas dimensões, não ocupa o espaço nas linhas da frente que outras viaturas mais volumosas ocupam, assim como não é pesada o suficiente para fazer face a qualquer tentativa por parte da população. A sua capacidade de transporte de apenas 3 militares não faz dela uma viatura muito indicada para apoiar a retirada de militares da linha da frente para a retaguarda, em segurança, se houver necessidade para tal.

No que diz respeito à manutenção, não se apresenta como uma viatura muito complexa, mas “não existe um canal a partir de França para as VBL Panhard M11, sempre que é necessário comprar material é um canal muito longo” (Ferreira, 2016). Por se tratar de uma viatura francesa é difícil adquirir alguns sobressalentes, desde a retirada das tropas francesas do teatro. “O Contingente Francês durante vários anos apoiou tecnicamente e forneceu sobressalentes para esta viatura” (Graça, 2016).

De uma maneira geral, a VBL Panhard M11 é uma viatura versátil, segura, com uma capacidade de mobilidade adequada a este TO, que garante segurança e conforto aos seus militares, apresenta algumas vulnerabilidades no uso em ações de CRC.

#### **4.3.4 HMMWV - High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle**

Os High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle (HMMWV) apenas foram utilizados por um contingente português no TO do Kosovo, de 16FEV05 a 16SET05, e,

---

<sup>74</sup> Como vimos no subcapítulo anterior nos incidentes com o GAM em 2011.

mesmo não tendo sido usados por Unidades de Cavalaria, é pertinente fazer uma pequena análise da mesma em termos comparativos. Estas viaturas tinham sido experimentadas em Timor, e após a utilização no Kosovo “foram enviadas para Portugal para reforçar a sua blindagem a fim de virem a ser utilizadas no Afeganistão” (Marinho, 2016).

Analisando as suas dimensões e características, verifica-se que é uma viatura muito idêntica à VBL Panhard M11, pelo que é igualmente apropriada para fazer patrulhamentos, recolha de informação e reconhecimentos, já que, além de uma boa mobilidade, garante proteção aos militares, pela sua blindagem e por ter acoplada uma arma 12,7 mm na parte superior. Tem capacidade para cinco militares<sup>75</sup> e também dispõe de sistema de aquecimento/arrefecimento, o que é bastante cómodo para patrulhamentos de longa duração. No entanto, os seus consumos são mais elevados do que a VBL Panhard M11, mesmo sendo a segunda viatura com o consumo mais baixo.

Devido às suas dimensões e peso, não se encara uma viatura muito adequada em ações de CRC.

No que diz respeito à manutenção, foi das viaturas que apresentou mais problemas, “sendo de salientar que as viaturas mais problemáticas em termos de manutenção foram os HMMWV, isto talvez devido ao facto de serem viaturas que haviam sofrido um elevado desgaste noutras missões” (2BI, 2005)<sup>76</sup>. Também devido ao facto de não ser um veículo de fabrico português, e, por conseguinte, ser mais difícil a aquisição de sobressalentes.

Trata-se de uma viatura segura, com mobilidade adequada para o TO do Kosovo, confortável e cómoda para patrulhamentos, que carece de acrescidas dedicações, no que diz respeito à manutenção. Não se pode tirar muitas conclusões do seu emprego no TO do Kosovo, pois só esteve no teatro com um contingente Português.

#### **4.3.5 VBR 8x8 Pandur II**

A VBR 8x8 Pandur II é a mais recente Viatura Blindada utilizada pelas forças portuguesa no TO do Kosovo, dando entrada no teatro a 26 de novembro de 2013 para substituir as Chaimite. Neste momento, existem 6 viaturas no teatro, sendo 5 VBTP e 1 viatura de Manutenção e Recuperação. Antes de referir as potencialidades e

---

<sup>75</sup> Com a possibilidade de colocar o quinto elemento na escotilha circular como apontador.

<sup>76</sup> Relatório de Fim de Missão.



vulnerabilidades desta viatura, relativamente às tarefas desempenhadas no TO, importa indicar algumas inovações tecnológicas que a viatura amolda.

Começando pela proteção e segurança, a estrutura básica do casco permite proteção balística para ameaças de nível 1 e proteção anti-mina para ameaças de nível 2a<sup>77</sup>. No entanto, quando introduzidas as placas de blindagem (ADD ON), aumentam as suas capacidades, garantindo uma proteção balística de nível 2, 3 e 4 e proteção anti-mina para ameaças de nível 3a. Tem um sistema de deteção de ameaças, *Threat Detection System (TDS)*, com capacidade de deteção de ameaças laser em quase toda a totalidade do meio envolvente da viatura. Possui ainda um sistema de proteção NBQ (nuclear, biológica e química) que aumenta a pressão no interior da viatura através das condutas de ar condicionado, interditando que os agentes contaminadores entrem na viatura. Tem também um sistema de supressão de incêndio, em que os extintores podem ser acionados automaticamente ou manualmente, sem produzir efeitos nocivos ou secundários na guarnição nem danificar o motor. (Manual de Condutor VBR 12,7 mm PANDUR II 8x8 - DP N° 8 – 32 – 11 (2), 2008)

Relativamente à mobilidade, pode ser operada com 6 rodas motoras ou 8 em modo 8x8, em que dois dos eixos são direcionáveis, permitindo um diâmetro de viragem reduzido para as dimensões que a viatura tem. O *Central Tire Inflation System (CTIS)*<sup>78</sup> permite alterar a pressão dos pneus, para melhorar a aderência a um determinado piso (estrada ou todo-o-terreno), tendo o condutor a capacidade de ajustar a pressão em todos os diferenciais ou somente em alguns. Está equipada com pneus *Run Flat* o que permite, mesmo após um furo e perda de pressão, que a viatura tenha capacidade de se deslocar na mesma, embora limitada na velocidade. (Manual de Condutor VBR 12,7 mm PANDUR II 8x8 - DP N° 8 – 32 – 11 (2), 2008).

Existem muitos outros sistemas e possibilidades da viatura VBR Pandur II que não foram aqui referidos e que aumentam significativamente o seu nível de operacionalidade em relação a outras viaturas. Vejamos, então, como tem sido empregue esta viatura no TO do Kosovo e qual a sua mais-valia para tal.

Tendo em conta a sua capacidade de mobilidade, conforto e proteção, que garante à guarnição, é uma viatura vantajosa para fazer patrulhamentos, dispondo ainda de sistema de georreferenciação que permite saber em tempo real da localização da unidade. “Permite

---

<sup>77</sup> Ver Anexo IV – STANAG 4569.

<sup>78</sup> Sistema central de insuflação de pneus.

comunicação de rede de dados, permite monitorização em tempo real, dá blindagem, dá poder de choque, permite transportar uma secção de uma forma rápida e segura, dá flexibilidade, que acaba por ser uma das tarefas da KFOR” (Cunha, 2016). Em contrapartida, devido às suas dimensões, torna-se limitada, quando utilizada em locais de difícil acesso, e é também a viatura com consumos mais elevados.

Em ações de demonstração de força, escoltas ou montagens de postos de controlo, é a viatura mais robusta ao dispor das forças portuguesas no TO, devido às suas dimensões e peso, estando ainda equipada com uma Metralhadora 12,7 mm na parte superior da viatura.

Em ações de CRC é a viatura mais indicada, devido ao seu peso de sensivelmente 22 toneladas e às suas dimensões. Com esta viatura pode-se proteger um dos flancos da força sem ser necessário empenhar tantos meios humanos. Tendo uma viatura deste género nos confrontos em 2011, as coisas “seriam bastante diferentes, pois um camião por muita força que tenha não empurra 22 toneladas facilmente, nem os manifestantes a conseguiam trepar e abanar tão facilmente como fizeram” (Gomes, 2016). A sua capacidade de transportar 10 militares permite ainda apoiar a retirada de uma secção da linha da frente para a retaguarda, “pode ser empregue para garantir a retirada da unidade” (Ferreira, 2016).

Relativamente à sua manutenção, a projecção das VBR Pandur II para o TO do Kosovo veio a alterar a estrutura orgânica do módulo de manutenção, sendo necessário criar a Secção de Manutenção VBR. A manutenção de qualquer viatura não é possível sem a existência de sobressalentes, logo “com a projecção destas viaturas para o TO acompanhou um contentor com sobressalentes e ferramentas especiais destinadas a manutenções programadas e corretivas” (Graça, 2016). Desta forma, esta viatura não tem acarretado “tantos problemas pois é uma viatura recente” (Ferreira, 2016).

Em suma, a sua capacidade de mobilidade, o conforto que dá à guarnição, a proteção e segurança, o sistema de georreferenciação e o emprego em ações CRC, são as suas principais potencialidades, apontadas por quem operou com esta viatura no teatro. No entanto, é uma viatura bastante volumosa para patrulhamentos em locais de difícil acesso, que consome acima da média, quando comparada com as restantes.

De uma maneira geral a viatura VBR Pandur II apresenta progressos bastante significativos no emprego operacional no TO do Kosovo, “em termos de viaturas de rodas veio mudar completamente o paradigma” (Ferreira, 2016).

## CAPÍTULO 5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

### 5.1 Resposta às questões derivadas

*Quais as alterações na orgânica das Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo desde 1999 a 2015?*

Para responder a esta questão vamos seguir a mesma linha de pensamento usada ao longo de todo o trabalho, que consiste em analisar a evolução orgânica das Unidades de Cavalaria nos três períodos distintos.

No período de 1999 a 2001, a força estava organizada pelo Comando e EM, em duas Unidades de Manobra e uma de Apoio de Serviços. A unidade de apoio de serviços garantia o apoio logístico do agrupamento e continha também os meios de apoio de combate, nomeadamente os meios de VCB e de Engenharia, que nunca foram empregues nos moldes convencionais, mas em reforço da Célula CIMIC (no caso da Sec VCB) para trabalhos de proteção e melhoramento do aquartelamento (no caso do PelEng). Uma das unidades de manobra era sempre um ERec com a sua orgânica habitual. O DOE não estava atribuído ao comando dos agrupamentos, mas integrado numa força multinacional de Operações Especiais. O PelMort estava atribuído ao ERec e, embora estivesse preparado para atuar como PelMort, cumpria as tarefas normais dos restantes pelotões.

No período de 2005 a 2010, a força portuguesa passa a constituir a Reserva Tática do comando da KFOR, uma força totalmente portuguesa. A orgânica e os efetivos mantiveram-se idênticos, salvo algumas alterações. O ModAp passa a fazer parte integrante do Agrupamento, que, fruto da sua capacidade sniper e proteção pessoal, é utilizado pelo comandante para cumprir missões de reconhecimento especiais, proteção anti-sniper, e missões na proteção da força. O PelMort passa a fazer parte constituinte da CCS e acaba por se extinguir no ano de 2010, devido ao condicionamento do emprego de morteiros em ambiente urbano.

No período de 2011 a 2015, a Reserva Tática da KFOR passa a ser multinacional em que o Comandante é português e o 2.º Comandante é húngaro. Os efetivos portugueses reduzem para cerca de metade, pois o Agrupamento passa a ser constituído por uma unidade de manobra portuguesa, uma unidade de manobra húngara e uma companhia de apoio de serviços composta por militares dos dois países (em que cada um garante o apoio de serviços do seu país). Na companhia de manobra passa a existir uma SecRec composta por 10 militares, que no fundo acaba por ser dividida nos pelotões de atiradores.

De uma maneira geral, os efetivos não se alteram ao longo dos anos, verificando-se um grande decréscimo no ano de 2010 para 2011, quando a Reserva Tática da KFOR deixa de ser uma força portuguesa e passa a ser uma força multinacional. Pode-se constatar diversas alterações em relação a algumas secções/módulos, que, derivado ao seu emprego em OAP, se revelam menos importantes. Exemplo disso é o caso do PelMort que nunca foi empregue como PelMort, mas sim como um pelotão de manobra, acabando por se extinguir. Existem também secções como a Engenharia e VCB que nunca atuaram conforme as suas capacidades convencionais. No entanto, o emprego de Forças de Operações Especiais ligadas diretamente ao comando do Agrupamento (ModAp) tem-se afirmado cada vez mais pertinente num teatro em que, muitas vezes, os desestabilizadores da ordem social se encontram no seio da população.

*Quais as principais mudanças na instrução e treino das Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz TO do Kosovo desde 1999 a 2015?*

No que concerne à instrução e treino, podemos constatar que, de uma forma geral, o aprontamento divide-se em três fases fundamentais, que normalmente decorrem em paralelo ou até um simultâneo: o Aprontamento Administrativo, o Aprontamento Orientado para a Missão, e a Preparação para a Projeção.

Antes de começar o treino orientado para a missão, é importante dar aos militares as valências fundamentais para o desenrolar do aprontamento e para as missões a cumprir no teatro. A tendência, ao longo dos anos, tem vindo a ser dar o máximo de valências aos militares, para que sejam capazes de atuar nas diversas tarefas/viaturas, o que dá ao comandante uma maior flexibilidade de gestão de recursos.

As palestras relativamente ao TO do Kosovo e à contextualização das OAP têm sido sempre ministradas ao longo dos anos. A importância de preparar o militar para o

ambiente operacional e sociocultural do teatro tem vindo a aumentar e, pelo menos uma vez por semana, em todos os aprontamentos, é ministrada uma palestra dirigida a todos os militares, relativamente às particulares que se poderão deparar na missão

Em conformidade, as instruções de áreas puramente militares, como o Armamento e Tiro, Topografia, NBQ, Sapadores, Instrução Individual de Combate e Treino Físico Militar, têm mantido a sua importância ao longo dos anos nos aprontamentos, pois são áreas inerentes ao treino militar. Importa referir que há um aumento de instruções relativamente à ameaça IED e uma diminuição de instruções relativamente a minas. Na área da Topografia, as instruções de orientação através dos métodos expeditos permanecem igualmente importantes, no entanto, verifica-se um incremento de instruções vocacionadas para a orientação com meios mais tecnológicos, como é o caso do GPS.

A execução de tiro e o número de munições gastas por militar tem variado significativamente. Numa fase inicial, em que o ambiente era instável, o número de munições gastas por militares era praticamente o mesmo entre todos os militares da força. A tendência lógica ao longo dos anos tende para um aumento do número de munições para militares das unidades de manobra, uma diminuição do tiro de precisão e adaptação, constatado num incremento de execução de tabelas de tiro mais especializadas, como é o caso do tiro de combate e tiro instintivo.

Outra área que tendencialmente tem afirmado a sua relevância ao longo dos anos é a Informação e Contra Informação, devido ao facto das OAP serem tipos de operações caracterizadas pela relação com a população e entidades civis.

Indubitavelmente, as áreas que requerem mais importância são o CAE e o CRC, como vimos, a partir de 2005 uma passa a contemplar a outra, com a política de ter analogamente dois pelotões prontos para CRC e um para CAE. O CAE, numa fase inicial, era das instruções mais ministradas, devido às operações do TO do Kosovo se desenrolarem maioritariamente em ambientes de carácter urbano, porém, tem sido ultrapassado no número de horas de instrução por o CRC.

O treino de CRC tem sido das áreas que mais evoluiu ao longo dos anos, sobretudo fruto das experiências de situações ocorridas neste teatro. Numa fase inicial, as forças portuguesas não dispunham de equipamento próprio de CRC e as técnicas eram pouco desenvolvidas. Um dos grandes passos evolutivos desta temática foi em 2005, a partir do momento que a força portuguesa passa a constituir a Reserva Tática da KFOR e tem que

estar habilitada a atuar em todo o Kosovo como força de controlo da ordem pública e as unidades passam a ter equipamento específico de CRC. Os seguintes passos dão-se em 2008, nos confrontos em Mitrovica, e 2011, quando as forças portuguesas entraram em confronto com um grupo de manifestantes daí resultando ferimentos graves em alguns militares portugueses. Estas experiências fizeram com que o treino fosse mais real e intenso, sempre com emprego de Viaturas Blindadas, e que, consequentemente, se dedicasse mais tempo de instrução ao treino de CRC nos aprontamentos.

Analogamente a toda esta evolução, relativamente ao aprontamento das unidades projetadas, estão associados os números de exercícios que têm aumentado ao longo dos anos.

*Que meios estão ligados a essas alterações, nomeadamente em termos de Viaturas Blindadas?*

Como verificamos, as Viaturas Blindadas podem ser empregues em OAP como meio de transporte de pessoal ou material, para escoltar colunas ou executar patrulhas, reforçar postos de observação e de controlo, evacuar pessoal militar e civil para áreas seguras, entre outras. Ao longo dos anos as unidades portuguesas estiveram equipadas com viaturas com características distintas, o que garante uma maior flexibilidade ao comandante da força para ajustar os meios adequados ao tipo de missão.

Os VBTP M113 equiparam a força portuguesa apenas no período de 1999-2001. Tendo em conta as suas características, estes garantiam proteção aos militares para cumprir missões correndo o menor risco possível. Todavia, apresentavam algumas limitações no emprego em deslocações em ambiente urbanizado e eram viaturas pouco cómodas para efetuar patrulhamentos de longa duração. Além disso, eram viaturas com consumos relativamente elevados. A manutenção das viaturas de lagartas é bastante mais complexa do que das viaturas de rodas, o que requeria por parte das guarnições uma atenção acrescida nessa aspeto.

Os HMMWV foram utilizados no Kosovo apenas pelo primeiro contingente português, que entrou no teatro em 2005. É uma viatura apropriada para fazer patrulhamentos de longa duração, pois é uma viatura cómoda e com boa capacidade de mobilidade. Devido às suas dimensões e peso, não se encara como uma viatura muito

adequada em ações de CRC. No que diz respeito à manutenção, foram viaturas que apresentaram alguns problemas, devido ao desgaste da utilização no TO de Timor.

As Chaimite foram das viaturas mais usadas no TO, numa primeira fase de 1999 a 2001, voltando ao teatro de 2005 a 2013 (altura que foram substituídas pelas VBR Pandur II). Eram viaturas que garantiam proteção às suas guarnições, com boa capacidade de mobilidade e poder de choque, eram apropriadas para fazer patrulhamentos, escoltas ou até mesmo para atuar como força de reação rápida. No uso em ações CRC, conferiam proteção adicional aos militares na frente ou flanco da força, ou até para retirar feridos do local com mais segurança, devido à sua proteção blindada e capacidade para transportar até 10 militares. Embora se tratasse da viatura mais antiga presente no teatro, não dava preocupações acrescidas a nível de manutenção.

As VBL Panhard M11 foram as viaturas mais usadas no TO do Kosovo, equipando as unidades portuguesas em todos os períodos que Portugal projetou FND: de 1999 a 2001 e de 2005 à atualidade. A alta mobilidade destas viaturas, aliada à sua facilidade de transporte, torna-as bastante flexíveis para a utilização no teatro. Têm a capacidade de aceder a zonas que outras viaturas de maior dimensão não conseguem, têm baixos níveis de consumo e garantem ainda proteção e conforto aos militares. No entanto, não se apresentam muito adequadas no emprego em ações CRC, pois são viaturas muito leves e de dimensões muito reduzidas para esse emprego. Não se revela, muito complexas a nível de manutenção, mas, devido à sua origem francesa, é difícil adquirir alguns sobressalentes.

As VBR Pandur II foram projetadas no ano de 2013 para substituir as Chaimite e são as Viaturas Blindadas mais modernas a equipar as Unidades Portuguesas no TO do Kosovo. São viaturas com boa capacidade de mobilidade, com boa proteção (incluindo proteção NBQ), adequadas para fazer patrulhamentos, dispondo ainda de sistema de georreferenciação, que permite saber em tempo real da localização da unidade. Em contrapartida, devido às suas dimensões, torna-se limitada, quando utilizada em locais de difícil acesso e os seus consumos são os mais elevados de todas as viaturas.

Em ações de demonstração de força, escoltas ou montagens de postos de controlo, é a viatura mais robusta ao dispor das forças portuguesas, o que faz dela a viatura mais adequada para emprego em ações CRC. Não apresenta muitos problemas de manutenção pois além de ser uma bastante recente, foram projetados também sobressalentes necessários para a manutenção por alguns anos. De uma maneira geral, a viatura VBR

Pandur II apresenta progressos bastante significativos no emprego operacional e veio alterar completamente o paradigma a nível de viaturas.

## **5.2 Resposta à questão central**

*“Quais as alterações efetuadas nas Unidades de Cavalaria projetadas em Operações de Apoio à Paz no Teatro de Operações do Kosovo desde 1999 a 2015?”*

Indubitavelmente, as respostas às questões derivadas concorrem para a resposta à questão central. No entanto, torna-se relevante fazer a associação entre as três vertentes analisadas ao longo do trabalho. Fá-lo-emos na mesma ordem de ideias que o fizemos ao longo do trabalho, a ordem cronológica.

O período de 1999-2001 está enquadrado no espetro das operações de Imposição de Paz, em que a força militar adotava uma postura dissuasora, e os patrulhamentos eram efetuados em Viaturas Blindadas, garantindo uma maior proteção aos militares, de modo a cumprir a missão correndo o menor risco. Nesta altura, dava-se grande ênfase ao treino proporcionado para o CAE, devido às missões do teatro ocorrerem, maioritariamente, em áreas urbanas. O treino de tiro e o número de munições gastas por militares era praticamente o mesmo entre todos os militares da força (sempre com maior relevância para as unidades de manobra), pois devido ao ambiente instável toda a força tinha que estar preparada para atuar. O treino de CRC nesta altura não era uma área muito explorada, e toda a preparação da força que se fazia era orientada com técnicas pouco desenvolvidas e com equipamento tático de combate (capacete, arma, colete balístico).

A partir de 2005, o conflito tende a estabilizar gradualmente, enquadrando-se até aos dias de hoje no espetro das operações de Manutenção de Paz, Consolidação de Paz e Construção de Paz. Portugal passa a constituir a Reserva Tática da KFOR e as exigências são completamente diferentes dos anos 1999-2001. Passa a ser uma unidade especificamente treinada em ações de CRC e é nesta temática que as unidades portuguesas mais desenvolveram as suas TTP.

Desde então, começaram a ser ministrados cursos de CRC no RL2, foi adquirido equipamento específico de CRC, e passaram a ser usadas viaturas no apoio à unidade CRC. Ao longo dos anos desenvolveram-se as TTP, fruto dos confrontos de 2008, entre



manifestantes e militares da KFOR, e de 2011, entre manifestantes e militares da Cavalaria Portuguesa, fazendo com que o CRC seja a área à qual se dedica mais horas de instrução nos aprontamentos, sobrevalorizando-se ao CAE.

O treino de tiro, a partir de 2005, foca-se objetivamente para as unidades de manobra, diminuindo as tabelas de tiro de adaptação e aumentando o número de sessões de tiro mais especializadas, como é o caso do tiro de combate e tiro instintivo.

Verifica-se um incremento do número de palestras relativamente às características do TO, pois cada vez se torna mais relevante sensibilizar os militares das diferenças culturais, étnicas, religiosas, geográficas, climatéricas que se poderão deparar no teatro, de modo a estarem preparados para agir em conformidade.

Relativamente à orgânica, verifica-se a extinção do PelMort, que, em 1999-2001, pertencia ao ERec, e, em 2005-2010, à Companhia de Apoio, ano em que fora extinto, por nunca atuar como PelMort, devido ao condicionamento de empregos em ambiente urbano. As secções de Engenharia e de VCB têm sofrido a mesma política, sendo empregues para reforçar as células CIMIC (como é o caso da VCB), e em melhoramentos do aquartelamento e infraestruturas (como é o caso da Eng). Uma das conclusões que podemos tirar é que as unidades portuguesas carecem de Apoio de Combate nestas áreas, pois normalmente são efetuadas por forças de outros países. Outro aspeto interessante a referir é a integração do ModAp, diretamente sob o comando do comandante da Reserva Tática, que passou a ser usado em operações anti-sniper, reconhecimento especiais ou até segurança pessoal de entidades.

No que concerne ao emprego de Viaturas Blindadas, a variedade de viaturas existentes ao longo dos anos garante maior flexibilidade ao comandante da força para adequar os meios à missão/tarefa. Esta diversidade é bastante favorável, pois, consoante as suas particularidades, todas têm um papel importante no TO. Por exemplo, se houvesse a necessidade de mostrar poder, colocando as forças nas ruas equipadas com meios letais, a VBTP M113 era uma viatura dissuasora. Contudo, o emprego de viaturas de lagartas não se apresentava muito propício para ambientes urbanos. Se o objetivo é demonstrar confiança à população, de modo a todos perceberem que o ambiente está estável, a força deve apresentar-se mais aligeirada, sendo as viaturas táticas ligeiras adequadas. No caso de haver necessidade de demonstrar força, a VBL Panhard M11 é uma boa viatura, pois além da blindagem tem a possibilidade de acoplar a Metralhadora Browning na parte superior da mesma. Além disso, é uma viatura adequada para patrulhamentos, devido à sua dimensão e

ao conforto que dá aos militares (ao contrário da VBTP M113). Em contrapartida é uma viatura pouco apropriada para o CRC, como vimos nos confrontos de 2011. Se o escalar da violência evoluir e precisar de uma viatura com maior poder de choque, devido à sua robustez, a VBR Pandur II é a viatura mais indicada. É também a viatura usada para ações de CRC, visto que pode ser empregue para proteger um flanco da força ou até mesmo garantir a retirada da unidade. Além disso, dispõe de sistemas tecnologicamente avançados de georreferenciação e dispõe de elevados níveis de proteção.

Conclui-se, pois, que não existe a viatura mais indicada para o TO do Kosovo, mas existe a viatura mais apropriada para determinada situação ou tipo de tarefa. Assim, um comandante ter ao seu dispor diferentes viaturas para a mesma missão é algo valorizado.

Fruto da pacificação do conflito ao longo dos anos, os efetivos da KFOR têm decrescido significativamente, cerca de 10 000 militares entre 2005 e 2010, atingindo neste momento valores próximos dos 5 000 militares, que estão muito longe dos 50 000 que entraram no teatro em 1999. Estas políticas de redução de efetivos refletem-se também na redução da força portuguesa, que de uma Reserva Tática totalmente portuguesa passa a integrar uma Reserva Tática multinacional, consequentemente, reduzindo de 294 para 157 militares nos anos de 2010/2011.

A evidente conclusão que se pode constatar da experiência no TO do Kosovo é que grande parte das alterações que foram efetuadas, desde a criação ou extinção de algumas subunidades, a tendência evolutiva dos aprontamentos, ou o emprego de Viaturas Blindadas, se orientam em prol daquilo que tem sido o *know how* das unidades portuguesas no teatro, o CRC. Independentemente das suas características, ao longo dos anos, verifica-se o aprontamento e projeção de inúmeras unidades das mais diferentes armas e especialidades do Exército Português.

Neste teatro, já vimos um EPE e Tropas Paraquedistas atuarem como força mecanizada, unidades de Infantaria de rodas a serem equipadas com viaturas de lagartas, ou até mesmo o inverso, unidades puras de Infantaria Mecanizada a serem instruídas e equipadas com viaturas de rodas. Até vimos unidades de Carros de Combate também a serem instruídas e equipadas com viaturas de rodas. Mas, sobretudo, vimos aquilo que é transversal a todas elas, sejam unidades de Infantaria, Tropas Paraquedistas, unidades de Reconhecimento, Carros de Combate ou Autometralhadoras: serem instruídas e equipadas para atuar como unidade de Controlo de Tumultos.

Todas estas unidades vão cumprindo as suas missões neste teatro, no entanto, apenas as Unidades de Cavalaria têm a particularidade de ter os graduados dos Quadros Permanentes formados em todas as viaturas usadas no TO (excepto o HMMWV) ou até mesmo na especialidade de Polícia do Exército. Seja a ministrar cursos de condutor e chefe de viatura, seja a ministrar cursos de CRC, seja a aprontar unidades, a Cavalaria Portuguesa tem-se afirmado na preparação de unidades em aprontamento para o TO do Kosovo, em participou com pelo menos uma UEC/UEB em 12 das 25 missões do Exército Português no TO do Kosovo.

A tendência gradual para a pacificação do conflito e a necessidade de estar treinado e equipado para atuar num TO em que o emprego da força armada tem sido extraordinariamente complexo, intimou ao longo dos anos alterações nas Unidades de Cavalaria projetadas. A mais exigente mudança deste TO tende em transformar uma força, que estaria equipada e treinada para fazer face a ameaças mais robustas, numa força capaz de controlar multidões sem armas à vista.

### **5.3 Dificuldades/Limitações**

Consideramos como principais dificuldades na realização deste trabalho a restrição a nível de número de páginas e anexos, que limitou a abordagem de alguns capítulos que poderiam ter sido mais aprofundados. Sentiram-se dificuldades em consultar alguns documentos, nomeadamente Diretivas de Aprontamento e Relatórios de Fim de Missão, pois, além de alguns deles não existirem em suporte digital, foram necessárias requerer algumas autorizações às entidades responsáveis, cujas aceitações foram, em alguns dos casos, por questões burocráticas, um pouco demoradas. Penso que o Exército Português deveria estar mais disponível no apoio à realização destes trabalhos, nomeadamente no atinente ao acesso a esses documentos, pois investigações neste âmbito são uma mais-valia para a instituição.

## 5.4 Recomendações

Sendo os exercícios a parte fundamental e aprovadora do treino de uma força, seria pertinente a execução de mais exercícios internacionais, seja em território nacional (como foi o caso do Trident Juncture 2015), seja fora do território nacional (como foi o caso NATO Assurance Measures 2015 na Lituânia). Estes exercícios exigem mais das unidades e a partilha de conhecimentos entre várias tropas é benéfica para ambos os lados.

Numa perspetiva mais orientada para o TO do Kosovo, seria importante efetuar mais ações de formação entre militares portugueses e húngaros, pois, sendo as duas nacionalidades integrantes da Reserva Tática da KFOR, poderiam ser debatidos e desenvolvidas TTP a serem empregues no teatro, e efetuados treinos de modo a agilizar alguns exercícios que só se conseguem efetuar no TO.

Relativamente ao CRC, poderia haver uma maior ligação entre unidades de Apoio de Combate (como é o caso da Engenharia), de modo a apoiar a liberdade de movimentos e efetuar a demolição de obstáculos que impeçam a mobilidade da unidade CRC. Amplificar o emprego de UAV's no apoio ao CRC (já foram feitos alguns exercícios nos aprontamentos e no teatro, mas não é uma vertente muito evoluída), ou até mesmo integrar uma unidade de apoio de recolha de imagens com "Combat Camera Teams", de modo a fornecer informação imediata ao comando da força, garantindo, assim, mais flexibilidade. A aquisição de mais armas não letais, como ultrassons, que são armas já muito utilizadas pelas forças policiais e por alguns Exércitos (como é o caso do Exército Americano). A sub unidade de manobra deveria ter um efetivo mais reforçado: ter 3 pelotões de proteção (apeados), mais uma secção de apoio (apeada) e uma secção montada (mantendo no mínimo um apontador e um condutor por viatura blindada).

Assim, em termos orgânicos a Estrutura Operacional de Pessoal deveria ser revista, para incluir o pessoal necessário de forma a manter a segurança e o funcionamento do Aquartelamento. Desse modo, quando o Agrupamento sair totalmente para operações, não se desarticula algumas subunidades para fazer essa segurança.

Relativamente à VBR Pandur II salienta-se que poderiam ser aproveitados mais beneficemente alguns dos seus avanços tecnológicos, já que falta um sistema que permita ao operador da viatura enviar dados (combustível, munições, etc) para o escalão superior

(seja um tablet ou um computador portátil robustecido). Falta ainda um sistema rádio portátil autónomo, para que a guarnição, quando apeada, possa comunicar entre si, operar os rádios da viatura e comunicar com o escalão superior/inferior.

### **5.5 Futuras investigações**

O TO do Kosovo, neste momento, é um teatro em que a ameaça é bastante reduzida quando comparado com outros teatros, nomeadamente Afeganistão, Iraque, etc. Tendo a Cavalaria os meios mais pesados do Exército Português (no que concerne a Viaturas Blindadas), seria interessante investigar se a Cavalaria Portuguesa estaria preparada para atuar noutros tipos de TO em que o nível de ameaça é mais elevado. Objetivamente, compreender se os meios existentes seriam adequados para esses teatros, ou se seria necessário a aquisição de meios mais capacitados para a ameaça IED, como são o caso dos Mine-Resistant Ambush Protected (MRAP), um tipo de viaturas que tem sido cada vez mais adquirido por alguns Exércitos de outros países.

## BIBLIOGRAFIA

- 1BI (2008). Directiva nº 01/08 Aprontamento SET08.
- 1BIMec (2009). DIRECTIVA N.º 07/Cmd Op/09.
- 1BIPARA (2010). Directiva de Aprontamento do 1BIPara/FND/KFOR.
- 2BI (2005). Relatório de Fim de Missão.
- 3BIPARA (2005). Directiva N.º 2/05 Aprontamento BIPARA/FND/KFOR.
- AgrBRAVO. (1999). Directiva de instrução bº 1/99/Agr BRAVO.
- AgrCHARLIE.(2000). Directiva de instrução nº 01/AGRCH/99.
- AgrDELTA.(2000). Directiva de instrução nº 01/AGRDELTA/00.
- AgrMIKE (2008). DIRECTIVA N.º 1/ AgrMIKE/BrigInt/KFOR/08.
- AgrINDIA (2012). DIRETIVA N.º 07/CFT/12.
- Cavaleiro, T. A. (2005). *O Exército Português nos Caminhos da Paz*. Lisboa: Secção de Cooperação Militar e Alianças do Gabinete do General Chefe do Estado-Maior do Exército.
- CFT (2001). Relatório de Missão do AGR DELTA/BMI/KFOR. KLINA.
- CID (2004). Glossário.
- CRP (2016). <http://www.parlamento.pt>. Acedido a 3 de Maio de 2016 em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- Cruz, A.M. (2002). A OSCE na Arquitectura de Segurança Europeia. *Nação e Defesa*. N.º 103 - 2.ª Série.
- DMT (2008). Auto Blindado VBR Pandur II 8x8 Transporte Pessoal C/ Reparo P/MP Broening 12,7mm - Versão ICV 12,7.
- DMT (2002). Auto TG 1,25 Ton 3 HMMWV M1025A2 4x4 mF/00.

- EMGFA (2016). *Estado Maior General das Forças Armadas*. Obtido de [www.emgfa.pt](http://www.emgfa.pt): <http://www.emgfa.pt/pt/operacoes/missoes/fnd-kosovo/kforportuga>.
- EPC (2008). VBR 12,7 mm PANDUR II 8x8 (Condutor) DP Nº 8 – 32 – 11 (2).
- Santo, G.E. (2014). *Da Arte da Guerra à Arte Militar*, 1ªEdição, Lisboa, Tribuna da História.
- Exército Português. (2011). PDE 3-64 Operações de Apoio à Paz – Técnicas Táticas de Procedimentos. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2012). PDE 3-52-16 Manual PANDUR.
- Exército Português. (2012). PDE 3-00 Operações. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2014). Glossário de termos empregues em Publicações Doutrinárias do Exército. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2015). PDE 3-01 Tática das Operações de Combate. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português. (2016). <http://www.exercito.pt>. Acedido a 7 de Maio de 2016 em <http://www.exercito.pt/Paginas/default.aspx>
- Freire, M. (Agosto de 2001). Técnicas e Procedimentos no Kosovo. *Jornal do Exército*, pp. 18-34.
- Freixo, M. J. (2011). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- GAM (2011). Dirltv GAM/FND/KFOR 01/11.
- GAM (2015). 5.Diretiva Nº01 GAM/FND/KFOR/05DEC14.
- Group, T. W. (2016). <http://data.worldbank.org/indicator>. Acedido a 10 de Maio de 2016 em <http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL/countriesdisplay=graph>.
- IESM. (1996). Manual de Operações de Apoio à Paz.
- IESM. (2014). *Orientações Metodológicas para Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa.
- Military Factory (2016). <http://www.militaryfactora>. Acedido a 27 de Abril de 2016 em [http://www.militaryfactory.com/armor/detail.asp?armor\\_id=852](http://www.militaryfactory.com/armor/detail.asp?armor_id=852).

- NATO (2016). <http://www.nato.int>. Acedido a 3 de Maio de 2016 em <http://www.nato.int/nato-welcome/index.html#basic>.
- NATO Standardization Agency . (2012). STANAG 4569 (EDITION 2) - Protection Levels for Occupants of Armoured Vehicles. Bruxelas: NSA.
- Oliveira, A. J. (2011). *Resolução de Conflitos O papel do instrumento militar no atual contexto estratégico O exemplo Kosovo*. Lisboa: Esfera do Caos.
- Operacional (2016). <http://www.operacional.pt>. Acedido a 25 de Maio de 2016 em <http://www.operacional.pt/kosovo-portugueses-impulsionam-novo-conceito-de-emprego-tactico>.
- RET/DSM. (1967). Auto Blindado P/Met M2HB 12,7mm TP10 Chaimite D 4x4 M/67-87 V-200.
- Revista da Cavalaria (2016). <http://www.revistadacavalaria.com>. Acedido a 21 de Maio de 2016 em <http://www.revistadacavalaria.com/index.php/editorial-e-sumarios/29-3-serie-revista-n-30>.
- Loureiro (2004). Unidades Mecanizadas de Cavalaria nas forças nacionais destacadas. *Revista da Cavalaria*. 3ª Série. Nº2.
- Sarmento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Universidade Lusitana Editora.
- Sousa, F.X.F. (2011). A Participação de Portugal nas Operações de Paz e a Segurança Nacional. *Revista Militar* N.º 2509/2510.
- Sousa, H. d. (1985). Armamento e Tiro de Carros de Combate - Carros de Combate e Viaturas Blindadas de Combate. Serviços Gráficos da Academia Militar.
- UN (2016). <http://www.un.org>. Acedido a 3 de Maio de 2016 em <http://www.un.org/en/sections/what-we-do/maintain-international-peace-and-security/index.html>
- UNPBF. (2016). <http://www.unpbf.org>. Acedido a 3 de Maio de 2016 em <http://www.unpbf.org/how-we-fund>
- Vieira, G.B. (2001). Que Modelo de Militar para a Nova Arte de Guerra e Paz? *Nação e Defesa* Nº 98 – 2.ª Série



# APÊNDICES

## APÊNDICE I – Missões de Paz das Unidades de Cavalaria

**Tabela 1** – Missões de Paz das Unidades de Cavalaria

TO	FND	Unidade Mobilizadora	Período	Efetivo	CMDT	UNID. CAV	CMDT Sub unidade CAV	Efetivo
Bósnia	Agr ALFA	BLI	15JUL98/12JAN99	319	TCor Alberto NUNES	ERec/RC6	Cap LAPA	101
Kosovo	Agr BRAVO	BAI	09AGO99/11FEV00	300	TCor CALÇADA	ERec/RC3 e EPE/RL2	Cap BALTAZAR e Cap LOUREIRO	ERec 87 e EPE 67
Kosovo	Agr CHARLIE	BLI	11FEV00/11AGO00	300	TCor Rebelo TEIXEIRA	ERec/RC6	Cap TENENTE	87
Kosovo	Agr DELTA	BMI	11AGO00/31MAR01	295	TCor BANAZOL	Erec/RC4	Cap FREIRE	87
Bósnia	Agr ECHO	BMI	28JAN01/29JUL01	323	TCor MENEZES	ERec/RC4	Cap SANTANA	101
Timor	2BI	BLI	26FEV01/08OUT01	759	TCor FIGUEIREDO	ERec/RC6	Cap FERREIRA	137
Timor	1BI	BLI	08OUT01/08JUL02	759	TCor F.SOUSA	ERec/RC6	Cap AZEVEDO	137
Bósnia	Agr GOLF	BMI	20JUL03/24JAN04	275	TCor FONSECA	RC4	Cap BRÁZ	80
Timor	Agr FOXTROT	BLI	25JUL03/24JAN04	645	TCor Caraban BRÁS	ERec/RC6	Cap F.SOUSA	137
Kosovo	2BI	RI14/BLI	16FEV05/16SET05	300	TCor Lopes BELEZA	ERec/RC6	Cap P.COSTA	88
Kosovo	3BIPara	BrigRR	16SET05/16MAR06	300	TCor José SOBREIRA	ERec/RC3	Cap NORUEGAS	51
Bósnia	Comp PRT/RC4	BrigMec	15JAN06/21JUL06	217	TCor Rui FERREIRA	RC4	Cap CARVALHO	103
Kosovo	Agr MIKE	RC6/BrigInt	25SET08/24MAR09	290	TCor Bragança RODRIGUES	RC6	Cap BRANCO	84
Kosovo	1BI	RI 13/BrigInt	24MAR09/26SET09	290	TCor Fernando TEIXEIRA	RC6	Cap CUNHA	60
Kosovo	1BIMec	BrigMec	26SET09/23MAR10	290	TCor Lino GONÇALVES	QCav	Cap MARQUES	84
Kosovo	1BIPara	BrigRR	21SET10/24MAR11	294	TCor Paulo ABREU	ERec/RC3	Cap CORDEIRO	45
Kosovo	GAM	RC6/BrigInt	25SET11/25MAR12	157	TCor Paulo MARQUES	RC6	Cap MOURA	96
Kosovo	Agr INDIA	BrigMec	26SET12/26MAR13	157	TCor TALAMBAS	QCav	Cap TEIXEIRA	96
Kosovo	GAM	RC6/BrigInt	05MAR15/05OUT15	177	TCor Jorge FERREIRA	RC6	Cap PIRES	105

**Legenda:** A rosa missões cujo aprontamento foi efetuado em Unidades de Cavalaria

**Fonte:** Elaboração própria adaptado do Histórico de Forças (CFT)

## APÊNDICE II– Orgânica das Unidades no TO do Kosovo

**Tabela 2 – Orgânica das Unidades Portuguesas em Missões no TO do Kosovo**

Missão	Agrupamento de Manobra - Brigada Multinacional Oeste															
09AGO99/ 11FEV00	Cmd	DOE	CCS						Esq PE			ERec				Total
	31	12	Cmd (5)	Tms (14)	Man (16)	Pel Svç (41)	Eng (16)	VCB (6)	Cmd (14)	Man (7)	Pel PE (23) x2	Cmd (13)	Man (16)	PelMor (20)	PelRec (24)x2	300
11FEV00 / 11AGO00	Cmd	DOE	CCS						CAr			ERec				
	31	12	Cmd (5)	Tms (14)	Man (16)	Pel Svç (41)	Eng (16)	VCB (6)	Cmd (14)	Man (7)	Pel PE (23) x2	Cmd (13)	Man (16)	PelMor (20)	PelRec (24)x2	300
11AGO00/3 1MAR01	Cmd	DOE	CCS						CAr			ERec				
	31	12	Cmd (5)	Tms (13)	Man (16)	Pel Svç (37)	Eng (15)	VCB (6)	Cmd (14)	Man (7)	Pel PE (23) x2	Cmd (13)	Man (16)	PelMor (20)	PelRec (24)x2	295
Reserva Tática da KFOR - Força Portuguesa																
16FEV05/ 16SET05	Cmd	ModAp	SecLig	Alfa COY							Bravo COY		Charlie COY		Total	
	27	6	3	Cmd (6)	Tm (13)	San (8)	Man (14)	Eng (4)	Reab (16)	Mort (21)	Cmd (10)	PelAt (28) x3	Cmd (10)	PelRec (26)x3		300
16SET05/ 16MAR06	Cmd	ModAp	SecLig	Alfa COY							Bravo COY		Charlie COY		Total	
	27	6	3	Cmd (6)	Tm (13)	San (8)	Man (14)	Eng (4)	Reab (16)	Mort (21)	Cmd (10)	PelAt (28) x3	Cmd (10)	PelRec (26)x3		300
25SET08/ 24MAR09	Cmd	ModAp	SecLig	Alfa COY							Bravo COY		Charlie COY		Total	
	26	6	2	Cmd (6)	Tm (13)	San (7)	Man (12)	Eng (4)	Reab (16)	Mort (21)	Cmd (8)	PelAt (28) x3	Cmd (10)	PelRec (25)x3		290
24MAR09/ 26SET09	Cmd	ModAp	SecLig	Alfa COY							Bravo COY		Charlie COY		Total	
	26	6	2	Cmd (6)	Tm (13)	San (7)	Man (12)	Eng (4)	Reab (16)	Mort (21)	Cmd (8)	PelAt (28) x3	Cmd (10)	PelRec (25)x3		290
26SET09/ 23MAR10	Cmd	ModAp	SecLig	Alfa COY							Bravo COY		Charlie COY		Total	
	26	6	2	Cmd (6)	Tm (13)	San (7)	Man (12)	Eng (4)	Reab (16)	Mort (21)	Cmd (8)	PelAt (28) x3	Cmd (10)	PelRec (25)x3		290
21SET10/ 24MAR11	Cmd	ModAp	SecLig	Alfa COY							Bravo COY		Charlie COY		Total	
	26	6	2	Cmd (6)	Tm (13)	San (7)	Man (12)	Eng (4)	Reab (16)	PelRec (25)	Cmd (8)	PelAt (28) x3	Cmd (10)	PelRec (25)x3		294
Reserva Tática da KFOR - Força Multinacional																
25SET11/ 25MAR12	Cmd	ModAp	SecLig	Alfa COY - CCS							Bravo COY - Comp Man					Total
	21	6	1	Cmd (4)	Tm (7)	San (2)	Man (7)	Eng (6)	Reab e Svç (7)		Cmd (8)	SecRec (10)		PelAt (26) x3		157
26SET12/ 26MAR13	Cmd	ModAp	SecLig	Alfa COY - CCS							Bravo COY - Comp Man					Total
	21	6	1	Cmd (4)	Tm (7)	San (2)	Man (7)	Eng (6)	Reab e Svç (7)		Cmd (8)	SecRec (10)		PelAt (26) x3		157
05MAR15/ 05OUT15	Cmd	ModAp	SecLig	Alfa COY - CCS							Bravo COY - Comp Man					Total
	22	6	1	Cmd (8)	Tm (7)	San (2)	Man (7)	Eng (6)	Reab e Svç (7)		Cmd (8)	SecRec (10)		PelAt (26) x3		177

**Fonte:** Elaboração própria adaptado das Diretivas de Aprontamento, das respetivas missões

## APÊNDICE III– Número de horas de instrução dos Aprontamentos

**Tabela 3** – Número de horas de instrução nos aprontamentos

Missão	Número de horas de Instrução										
	Palestras sobre o Kosovo	Armamento e Tiro	Topografia	Saúde, Higiene e Socorrismo	Nuclear Biológica e Química	Sapadores	Informação e Contra Informação	Instrução Individual Combate	Instrução Orientada Missão	Combate Áreas Edificadas	Controlo Túmulos
Brigada Multinacional Oeste											
09AGO99/11FEV00	6	44	25	10	8	14	12	12	144	56	44
11FEV00/11AGO00	7	44	25	10	8	14	12	12	144	56	44
11AGO00/31MAR01	7	44	4	12	4	12	8	12	172	56	44
Reserva Tática da KFOR - Força Portuguesa											
16FEV05/16SET05	9	62	12	12	9	12	8	20	172	48	56
16SET05/16MAR06	9	62	12	12	9	8	12	20	172	44	56
25SET08/24MAR09	10	27	15	11	8	8	20	17	172	30	64
24MAR09/26SET09	10	27	15	11	8	8	20	17	172	28	64
26SET09/23MAR10	10	30	15	11	7	7	20	10	172	28	64
21SET10/24MAR11	10	30	15	11	7	7	20	10	172	28	64
Reserva Tática da KFOR - Força Multinacional											
25SET11/25MAR12	9	30	15	13	7	7	22	10	48	30	60
26SET12/26MAR13	9	32	13	13	7	7	22	26	48	84	175
05MAR15/05OUT15	9	21	13	22	7	7	22	10	48	38	55

**Fonte:** Elaboração própria adaptado das Diretivas de Aprontamento, das respetivas missões

## APÊNDICE IV– Número de munições consumidas nos Aprontamentos

**Tabela 4** – Número de munições consumidas nos aprontamentos

		Número de munições consumidas						
Missão	Pistola Walther 9 mm (eq. c/ arma)	Munições 7,62 mm (por homem)			Browning (guarnição)		Granadas mão (por homem)	Morteiro (por peça)
		Todos	Un Man	Tiro Combate (Un Man)	12,7 mm	7,62 mm		
Brigada Multinacional Oeste								
09AGO99/11FEV00	36	45	17	63	60	60	2	80
11FEV00/11AGO00	24	144	66	126	55	36	2	10
11AGO00/31MAR01	98	378	45	146	60	72	3	10
Reserva Tática da KFOR - Força Portuguesa								
16FEV05/16SET05	70	200	70	70	150	120	1	13
16SET05/16MAR06	66	180	60	60	140	110	1	12
25SET08/24MAR09	60	65	159	60	20	13	1	12
24MAR09/26SET09	42	20	108	54	20	13	1	13
26SET09/23MAR10	36	20	80	48	20	13	1	0
21SET10/24MAR11	36	20	80	48	20	13	1	0
Reserva Tática da KFOR - Força Multinacional								
25SET11/25MAR12	60	143	48	165	100	100	1	0
26SET12/26MAR13	60	143	48	165	100	100	1	0
05MAR15/05OUT15	42	111	356	70	91	80	1	0

**Fonte:** Elaboração própria adaptado das Diretivas de Aprontamento, das respetivas missões

## APÊNDICE V– Número de Viaturas Blindadas empregues pelo Exército Português no TO do Kosovo

**Tabela 5**– Viaturas Blindadas empregues pelas Unidades Portuguesas no TO do Kosovo

Missão	Viaturas Blindadas				
	VBTP M113	Chaimite	Panhard M11	HMMVW	VBR Pandur
Brigada Multinacional Oeste					
09AGO99/11FEV00	10	11	11		
11FEV00/11AGO00	10	11	11		
11AGO00/31MAR01	10	11	11		
Reserva Tática da KFOR - Força Portuguesa					
16FEV05/16SET05		9	18	20	
16SET05/16MAR06		9	18		
25SET08/24MAR09		9	18		
24MAR09/26SET09		9	18		
26SET09/23MAR10		9	18		
21SET10/24MAR11		9	18		
Reserva Tática da KFOR - Força Multinacional					
25SET11/25MAR12		9	18		
26SET12/26MAR13		9	18		
05MAR15/05OUT15				18	

**Fonte:** Elaboração própria adaptado das Diretivas de Aprontamento, das respetivas missões

## APÊNDICE VI– Caraterísticas das Viaturas Blindadas empregues pelo Exército Português no TO do Kosovo

**Tabela 6**– Comparação das Viaturas Blindadas empregues no TO do Kosovo

Caraterísticas	Viaturas Blindadas				
	M113	Chaimite	VBL Panhard M11	HMMVW	VBR Pandur II
Ano	1976	1966	1989	1985	2005
Tipo	VBTP	VBTP	Viatura Blindada Ligeira	Viatura Blindada Ligeira	VBTP
Tração	Lagartas	Rodas 4x4	Rodas 4x4	Rodas 4x4	Rodas 8x8
Guarnição	11	10	3	5	10
Armamento	12,7 mm	12,7 mm	12,7 mm ou 7,62mm	12,7 mm	12,7 mm
Proteção Balística	Nível 2	Nível 1	Nível 1	Nível 1	Nível 1
Proteção Anti-mina	Nível 1	Nível 1	Nível 1	Nível 1	Nível 2a
Proteção NBQ	Não	Não	Não	Não	Sim
Peso Máximo	11 156 kg	7 622 kg	3530 kg	4 672 kg	22 500 kg
Comprimento	4,863 m	5,60 m	3,957 m	4,84 m	7,40 m
Largura	2,686 m	2,26 m	2,020 m	2,18 m	2,87 m
Altura	2,50 m	2,39 m	2,140 m	2,02 m	2,84 m
Raio de viragem	7 m	16,8 m	6 m	7,62 m	20,5 m
Velocidade	64 km/h	89,6 km/h	120 km/h	112 km/h	105 km/h
Autonomia	475 km	500 km	500 km	443 km	600 km
Consumo	76 litros/100km	40 litros/100 km	15,1 litros/100 km	21,4 litros/100 km	60 litros/100 km
Sistema Georreferenciação	Não	Não	Não	Não	Sim
Sistema Aquecimento	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Sistema Insuflação Pneus	X	Não	Não	Não	Sim

**Fonte:** Elaboração própria adaptado dos Manuais das respetivas viaturas

## APÊNDICE VII– Tarefas da Força Portuguesa

**Tabela 7**– Tarefas/missões da Força Portuguesa nos diferentes períodos

Agrupamento de Manobra da Brigada Multinacional Oeste (1999-2001)	
Principais Missões e Tarefas	Operações de Recolha de Informação e de Reconhecimento; Segurança e Defesa de Pontos Sensíveis e Pontos Críticos; Controlo de itinerários e de acessos; Patrulhamento da AOR; Força de Reação Rápida; Operações de vigilância de fronteira; Demonstração de força; Operações de Cerco e Busca; Atividades CIMIC; Escoltas; Montagem de Postos de Controlo; treino operacional; atuar como força de reforço; Controlo Tumultos
Reserva Tática da KFOR - Força Nacional (2005-2010)	
Principais Missões e Tarefas	Ações de Reconhecimento; Atividades CIMIC; Segurança e Defesa de Pontos Sensíveis e Pontos Críticos; treino operacional; atuar como força de reforço ; Operações de Recolha de Informação e de Reconhecimento; Operações de Cerco e Busca; operações logísticas; Operações de Recolha de Informação e de Reconhecimento; Escoltas; Controlo de Tumultos; Treino Operacional; Atividades CIMIC
Reserva Tática da KFOR - Força Multinacional (2011-atualidade)	
Principais Missões e Tarefas	Operações de Recolha de Informação e de Reconhecimento; Controlo de Tumultos; Treino Operacional; Segurança de Pontos Sensíveis; Escoltas; Patrulhas; Ações CIMIC

**Fonte:** Elaboração própria adaptado dos Relatórios de Fim de Missão



## APÊNDICE VIII– Excerto das entrevistas a militares que participaram em missões no TO do Kosovo

**Tabela 8**–Dados dos Entrevistados

Posto	Nome	Missões no TO do Kosovo
Coronel	Banazol	09AGO99/11FEV00 - Comandante Agr DELTA
Tenente Coronel	Ferreira	11FEV00/11AGO00 - Adjunto Oficial Operações 05MAR15/05OUT15 - Comandante GAM
Tenente Coronel	Marino	16SET05/16MAR06 - Oficial Operações
Tenente Coronel	Sousa	25SET11/25MAR12 - Oficial Operações
Tenente Coronel	Noruegas	16SET05/16MAR06 - Comandante Esquadrão
Major	Serrano	09AGO99/11FEV00 - Comandante Pel PE
Major	Cunha	16SET05/16MAR06 - Comandante PelRec 25SET08/24MAR09 - Comandante Esquadrão 25SET11/25MAR12 - Oficial Pessoal 05MAR15/05OUT15 - Oficial de Logística
Tenente	Graça	05MAR15/05OUT15 - Oficial Manutenção
1 Sargento	Gomes	25SET11/25MAR12 - Comandante Secção 05MAR15/05OUT15 - Comandante Secção
Soldado	Rodrigues	25SET11/25MAR12 - Condutor VBL M11

**QUESTÃO:** Consoante a missão, a orgânica é também diferente nos três períodos. Em 1999-2000 havia um DOE como era empregue?

*Na primeira missão o DOE não fazia parte das forças portuguesas, era um contributo nacional mas foi dado ao comando da Brigada, ou seja o comando da Brigada tinha as suas forças de manobra e depois tinha um conjunto de Forças Especiais de vários países e um deles era o DOE português. Mas esse DOE trabalhava em proveito da Brigada e não em proveito do Batalhão. (Ferreira, 2016)*

**QUESTÃO:** A partir de 2005 este DOE passou a designar-se por ModApoio e tem feito parte da orgânica até aos dias de hoje. Como é que um Cmdt emprega esta Equipa de OE? Quais as suas valências? Em que tarefas específicas?

*Tinham também a valência de equipa de proteção de pessoal, em que sempre que havia visitas ou era necessário garantir a proteção de alguma entidade eles também tinham essa capacidade, ou até mesmo fazer algum tipo de escoltas de maior perigosidade. (Ferreira, 2016)*

*É um módulo composto por militares com a especialidade de Operações Especiais que podiam fazer reconhecimento especiais, proteção anti-sniper, e missões na proteção da força. (Cunha, 2016)*

**QUESTÃO:** Relativamente ao PelMor, este existiu de 1999-2001 e estava atribuído ao ERec, 2005 a 2009 esteve atribuído à ACoy. Como era empregue esse PelMort? E a Sec VCB?

*Não foi empregue o Apoio de Combate nos moldes convencionais, mas em reforço da Célula CIMIC (no caso da Sec VCB) para trabalhos de protecção e melhoramento do aquartelamento, monitorização radiológica, bem como para acções CIMIC (no caso do PelEng). (Ferreira, 2016)*

*O PelMort/ERec, nunca tendo funcionado como tal, estava preparado, instruído, treinado para actuar como tal. No dia-a-dia funcionou como um PelRec. (Banazol, 2016)*

**QUESTÃO:** Relativamente ao aprontamento. Em que fases se divide?

*O esquema de aprontamento já há muitos anos está estandardizado e basicamente divide-se em 3 fases que normalmente em paralelo ou quase em simultâneo: 1ª Fase Aprontamento Administrativo Logístico que se prende em tratar de toda a documentação e colocar o homem pronto para iniciar a missão (vacinas, se está em condições médicas, condições físicas, fardamento que vai ser distribuído, etc); 2ª Fase Aprontamento Orientado para a Missão, que é o treino propriamente dito e desempenhar o conjunto de tarefas passíveis de ser desempenhadas na missão (tabelas de tiro, patrulhamentos, checkpoints, CRC, conhecimento da ROE, conhecimento da cultura do teatro, etc); 3ª Fase Preparação para a projeção, em que basicamente se pega no conjunto de materiais e equipamentos que se vão projetar, recolhe-se as bagagens individuais e coletivas e se colocam para serem projetadas. (Ferreira, 2016)*

**QUESTÃO:** Verifica-se um incremento de palestras sobre as características do TO, os seus antecedentes, o ambiente operacional, as Regras de Empenhamento. Numa OAP a sensibilização de todos os militares da força para o contexto estratégico é importante?

*Essas palestras relativamente ao teatro sempre estiveram presentes, sobre as características geográficas, culturais, sobre a ameaça que existe, as ROE, segurança de informação e contra informação. Há um conjunto de tarefas que têm que ser dadas garantidamente, pois é imprescindível alertar os militares daquilo com que se vão deparar principalmente a nível cultural. O Kosovo neste momento é de região muçulmana, e é completamente diferente da cultura de um país como o nosso onde a religião mais presente é a católica, e há determinados alertas que convêm fazer. Há também um conjunto de alertas a nível geográfico que convêm fazer, por exemplo no Kosovo se estivermos numa zona ao nível do mar, podemos andar menos de 1km e ter montanhas com cerca de 2000m em que o regime é ligeiramente diferente, e nós como reserva poderíamos atuar nos dois ambientes. (Ferreira, 2016).*

**QUESTÃO:** Desde que o Exército Português projeta unidades para o Kosovo, teve presente no TO viaturas como o M113, a Chaimite, o HMMWV, a VBL Panhar M11 e mais recentemente a VBR Pandur. Cada pelotão/secção tinha as suas viaturas orgânicas ou estavam atribuídas à força e todos os militares eram instruídos sobre todas as viaturas?

*Nas primeiras missões, todos os graduados tinham formação técnica e tática em todas as famílias de viaturas que iam utilizar. Por outro lado, no caso das praças não, estes eram formados para um determinado tipo de viatura, podia acontecer por necessidade de serviço dar dupla valência e um determinado militar. Mas isso era na altura em que os pelotões saíam com uma orgânica e tinham atribuídas determinadas viaturas a cada um, e o número de viaturas que havia e as características do teatro na altura, condicionavam as missões, ou seja, não havia patrulhamentos com as viaturas táticas ligeiras (jipes), os patrulhamentos e missões que eram feitas eram em viaturas blindadas (1999-2001). Nas últimas missões, a medida que o país declarou independência, e as forças militares foram diminuindo, tem se dado mais liberdade às forças policiais locais e nós estamos lá para atuar só em caso de necessidade. O que acontece é que, neste momento só há Pandur para um pelotão, não há orgânica necessária para equipar uma companhia blindada, de modo a que existem militares habilitados em uma ou mais viaturas (de preferência várias) para*

*poder dar a flexibilidade de fazer os ajustamentos necessários às tarefas que vão surgindo.* (Ferreira, 2016)

**QUESTÃO:** Como era ministrado o estágio de CRC no período de 1999-2001 para as FND? As unidades tinham equipamento específico?

*De 1999-2001 não havia estágio de CRC, o que havia eram ações de formação no âmbito de treino operacional das subunidades de Polícia do Exército, e eram sobretudo utilizados como equipamento o armamento e equipamento individual (espingarda automática G3, colete balístico e capacete kevlar).* (Sousa, 2016).

**QUESTÃO:** O CRC e respectivas TTP, passaram a ter maior importância para as forças da KFOR após os violentos e generalizados confrontos, entre Kosovares Sérvios e Kosovares Albaneses, registados em Março de 2004. O que mudou no curso/estágio a partir daí?

*O curso surgiu propriamente a partir daí, em 2005 quando se voltou para o TO do Kosovo já havia curso para preparar a força portuguesa no regresso ao teatro, fruto das necessidades de haver uma maior confrontação com as forças oponentes perante as forças da ordem. Nesta altura já tinham equipamento anti traumático, escudos redondos. Outra coisa que mudou a partir de 2005 é que, se tivermos dois pelotões prontos para CRC, teríamos o terceiro equipado para CAE de modo a apoiar a unidade CRC em caso de aumento do nível de ameaça (sempre numa postura defensiva, porque senão não seria uma operação CRC).* (Sousa, 2016)

**QUESTÃO:** A partir de que altura se começam a empregar viaturas no CRC? De que forma é que uma viatura blindada poderá ser uma mais valia numa ação de Controlo de Tumultos?

*As viaturas blindadas a partir de 2005 sempre foram ministradas por nós como um apoio à unidade CRC, pois conferem proteção à força no caso de haver uma arma por parte da população, ou até mesmo para ser usada a arma que a viatura tem acoplada em caso de necessidade. Permite sobretudo às forças da ordem manterem-se na sua posição no caso da gravidade do incidente aumentar, em vez de se retirar (caso não tivesse viaturas blindadas). Embora essas instruções fossem dadas, nesta altura as viaturas blindadas não eram muito utilizadas no teatro, nesta altura ainda não era o ênfase na sua formação".* (Sousa, 2016)

**QUESTÃO:** A 17 de Março de 2008, em Mitrovica deram-se os confrontos mais violentos de que há memória neste teatro. Militares da KFOR confrontaram-se com uma multidão organizada e preparada para enfrentar as forças da ordem. Estes confrontos serviram de novas lições para o CRC no Exército Português?

*O que houve a partir de 2008 nos confrontos no tribunal de Mitrovica foi a consciencialização de que o emprego de viaturas blindadas no CRC é importantíssimo, pois a unidade defronta-se contra um grupo da população (armado ou não) e as viaturas acabam por dar a proteção à força militar. Em contrapartida, requer cuidados acrescidos no Comando e Controlo, pois tem-se lado a lado homens apeados e viaturas blindadas. Essa é uma das grandes diferenças entre o CRC militar e o CRC das forças policiais (a possibilidade de poder haver armas no seio dos grupos manifestantes). (Sousa, 2016)*

**QUESTÃO 7:** A partir dos confrontos das forças portuguesas em 2011 com o GAM o que mudou?

*O que mudou foi a introdução da shotgun, do gás pimenta, a ideia de adicionar equipamento balístico por baixo do equipamento anti-traumático, e houve sobretudo um reforçar das instruções de planeamento, incorporar a Engenharia nesse planeamento, o emprego dos militares de Operações Especiais na ameaça anti-sniper, o emprego de canhões de água, um treino mais real e mais intenso (levando o militar ao desgaste físico e psicológico). Logicamente tudo isto requer uma dedicação de maior número de horas de treino CRC. (Sousa, 2016)*

*Desde um treino mais realista de fire fobia, desde passar a ter em 2011 munições não letais para a shotgun, o gás pimenta, a alteração das máscaras, incorporar o colete balístico por baixo do kit traumático, fato ignífugo, a balaclava ignífuga. O CRC no início foi visto como aquilo que é a ordem pública para a PSP e GNR, portanto deixou de ser um CRC de ordem pública em que os efetivos que se opõem são menores do que de um CRC em ambientes militares, e passou a ser um CRC, por assim dizer, de combate”. (Ferreira, 2016)*

**QUESTÃO:** Em 2011 as forças portuguesas confrontaram-se com uma multidão organizada e preparada para enfrentar as forças da ordem, incidentes estes que presenciou na primeira pessoa. Como se desenvolveram esses incidentes? Que dificuldades sentiu naquela situação? Que vulnerabilidades aponta à viatura Panhard M11 na situação que viveu?

*Era uma operação que consistia na remoção de um roadblock de uma ponte, tudo estava a correr como planeado, apeados ultrapassa-mos (companhia de CRC portuguesa e húngara) o roadblock para o lado afastado e garantimos segurança para que as unidades de engenharia suíças que nos acompanhavam pudessem começar a fazer a remoção do roadblock. Entretanto começaram a chegar muitas pessoas locais que apoiados num camião (o camião ia a fazer marcha atrás) começaram a empurrar as nossas forças para trás, ficando as linhas de CRC da frente fragilizadas. Por esta altura, o roadblock já tinha sido parcialmente desimpedido e as M11 já poderiam apoiar as linhas de CRC na frente. Revelaram-se impotentes contra a situação, pois não conseguiam fazer frente ao camião. Fomos obrigados a recuar para trás do roadblock, onde os manifestantes por aí se mantiveram”.*(Gomes, 2016)

*É dada a ordem para as viaturas panhard chegarem a frente para ajudar a conter a os manifestantes. Nessa altura a população mais agressiva pelo reforço com as viaturas, aumentou ainda mais a violência, segue-se que conseguiram retirar a palamenta de pioneiro de uma das viaturas e aí utilizaram-na para tentar partir vidros da viatura, partiram os faróis, piscas, espelhos, arrancaram as concertinas previamente montadas nas viaturas. A força opositora era cada vez maior, começamos a recuar, estava-mos já perto do roadblock a viatura ao meu lado ainda conseguiu dar a volta e sair de frente, eu já não tinha espaço para dar a volta e tinha de acompanhar o recuo da linha de crc, tentei sair de traseira, mas como já tinham sido retiradas algumas pedras fiquei com o casco da viatura pousado no roadblock sem tração nas rodas. Nessa altura estava isolado no meio da população então aí tentaram de tudo para de partir os vidros, abrir a porta que felizmente não conseguiram, a dada altura tentaram balançar a viatura para empurra-la para a lateral da ponte na tentativa de atira-la lá baixo. Felizmente após aviso do nosso comando com tiro de advertência, pararam e aí decidiram empurrar-me a viatura para lá do roadblock. Para mim a maior dificuldade sem dúvida foi a comunicação para o exterior visto que estava sozinho dentro da mesma, e a falta de coordenação para com a linha de crc. Vulnerabilidades da viatura, apenas de referir que é uma viatura bastante*

*pequena para o efeito e com pouca força de tração para este tipo de operações.*  
(Rodrigues, 2016)

**QUESTÃO:** Relativamente às viaturas que operou no TO do Kosovo, quais as vulnerabilidades/potencialidades de cada uma delas? Qual a facilidade/ dificuldade de manutenção para cada uma delas?

#### **VBTP M113**

*Os M113 eram o que tínhamos de mais musculado, penso que a sua presença foi vantajosa.* (Banazol, 2016)

*A manutenção de uma viatura de lagartas é substancialmente mais complexa que a manutenção de viaturas de rodas.* (Serrano, 2016)

#### **Chaimite**

*É uma viatura que garante uma boa proteção, segurança e garante uma fácil condução no teatro quer seja no verão ou inverno.* (Cunha, 2016)

*Apresentou ser uma viatura bastante desatualizada para a época, tendo apresentada limitações e problemas a nível de mecânica, apresentou ainda limitações para temperaturas frias, normais no Kosovo, sem qualquer tipo de aquecimento.* (Noruegas, 2016)

#### **VBL Panhard M11**

*A alta mobilidade deste veículo, adicionada á sua facilidade de transporte, torna-o bastante flexível no que respeita á sua utilização neste TO.* (Marino, 2016)

*É uma viatura versátil, rápida e segura, que permite conforto em condições adversas.*  
(Cunha, 2016)

*Existiu uma dificuldade acrescida na aquisição e identificação de sobressalentes desta tipologia de viaturas, muito por culpa do Contingente Francês ter retraído do TO Kosovo e de existirem dois modelos diferentes da mesma viatura e os manuais técnicos não serem os mais adequados. O Contingente Francês durante vários anos apoiou tecnicamente e forneceu sobressalentes para esta viatura.* (Graça, 2016)

*Não existe um canal a partir de França para as M11, sempre que é necessário comprar material é um canal muito longo. (Ferreira, 2016)*

## **HMMWV**

*“Não posso falar muito sobre os HMMWV pois quando cheguei ao TO eles foram enviadas para Portugal para reforçar a sua blindagem a fim de virem a ser utilizadas no Afeganistão”. (Marinho, 2016)*

## **VBR Pandur II**

*Permite comunicação de rede de dados, permite monitorização em tempo real, dá blindagem, dá poder de choque, permite transportar uma secção de uma forma rápida e segura, dá flexibilidade, que acaba por ser uma das tarefas da KFOR. (Cunha, 2016)*

*A viatura pelas suas próprias características garante segurança à força e tem características que permite entrar e sair de situações em que as M11 e as Chaimites não permitiria. Tem uma capacidade de mobilidade superior aquilo que tínhamos antes, tem uma capacidade de proteção contra ameaças NBQ muito superior, e a própria blindagem é superior aquilo que nós estávamos habituados. Por isso foi uma grande vantagem e foi um grande salto tecnológico e introdução da Pandur no Exército e nomeadamente no Teatro, porque quer para um aumento do escalar de violência, quer para proteção de forças e empenhamento no controlo de tumultos, é um salto qualitativo muito grande. Se tiver que nomear uma vulnerabilidade da Pandur, nomeio a dificuldade de fazer patrulhamento em determinados locais do país devido às dimensões da viatura. No caso de deslocamentos de colunas militares usava-se uma escolta da polícia militar para alertar a população da passagem da coluna de modo a evitar incidentes. (Ferreira, 2016)*

*Com a projeção destas viaturas para o TO acompanhou um contentor com sobressalentes e ferramentas especiais destinadas a manutenções programadas e corretivas”. (Graça, 2016)*



# **ANEXOS**

## ANEXO I –Missões do Exército Português no TO da Bósnia Herzegovina

**Tabela 9–** Tabela resumo das Unidades que cumpriram Missões no TO da Bósnia-Herzegovina

FND	UN MOBILIZ	PERIODO	EFETIVO	CMDT
IFOR/2BIAT	BAI	16JAN96/12AGO96	917	TCOR Moço FERREIRA
IFOR/3BIAT	BAI	12AGO96/10FEV97	917	TCOR SARAIVA
1BIMEC	BMI	10FEV97/30JUL97	319	TCOR MESQUITA
2BIMOTO	BMI	30JUL97/14JAN98	319	TCOR Pina MONTEIRO
1BIAT	BAI	14JAN98/15JUL98	319	TCOR Carreto CUBA
AGR ALFA	BLI	15JUL98/12JAN99	319	TCOR Alberto NUNES
1BIMEC	BMI	12JAN99/10JUL99	319	TCOR Pires NUNES
2BIPARA	BAI	10JUL99/31JAN00	320	TCOR C. MARTINS
AGRconjALFA	BLI	31JAN00/29JUL00	323	TCOR Pinheiro MOURA
2BIMEC	BMI	29JUL00/28JAN01	323	TCOR SERRONHA
AGR ECHO	BMI	28JAN01/29JUL01	323	TCOR MENEZES
1BIPARA	BAI	29JUL01/29JAN02	351	TCOR Gomes MARTINS
2BIMEC	BMI	29JAN02/30JUL02	352	TCOR Isidro PEREIRA
2BI/BLI	BLI	29JUL02/29JAN03	323	TCOR Pinto de ALMEIDA
1BIPARA	BAI	30JAN03/30JUL03	290	TCOR FONSECA
AGR GOLF	BMI	30JUL03/24JAN04	290	TCOR FONSECA
3BIPARA	BAI	24JAN04/23JUL04	276	TCOR Jorge PRAZERES
2BIMEC	BMI	23JUL04/12JAN05	359	TCOR Barros DUARTE
2BIPARA	BAI	12JAN05/30JUN05	185	TCOR PEREIRA
1BI/BLI	BLI	30JUN05/15JAN06	217	TCOR Carlos MORENO
RC4/COMPPRT	BrigMec	15JAN06/21JUL06	217	TCOR Rui FERREIRA
1BI/COMP PRT	BrigInt	22JUL06/24MAR07	172	TCOR Cabo SABINO
		<b>TOTAL</b>	<b>7700</b>	

**Legenda:** A amarelo missões com a participação de UEC/UEB de Cavalaria

**Fonte:** Comando das Forças Terrestres (CFT)

## ANEXO II – Missões do Exército Português no TO Do Kosovo

**Tabela 10**– Tabela resumo das Unidades que cumpriram Missões no TO do Kosovo

FND	UN MOBILIZ	PERÍODO	EFETIVO	CMDT
AGRBRABVO	BAI	09AGO99/11FEV00	300	TCOR Calçada
AGRCHARLIE	BLI	11FEV00/11AGO00	300	TCOR Rebelo Teixeira
AGRDELTA	BMI	11AGO00/31MAR01	295	TCOR Banazol
DOE/KFOR	CIOE	30JAN01/16AGO01	13	TCOR M. da Silva
2BI	RI 14/BLI	16FEV05/16SET05	300	TCOR Lopes Beleza
3BIPara	BrigRR	16SET05/16MAR06	300	TCOR José Sobreira
1BIMec	BrigMec	16MAR06/22SET06	300	TCOR Eduardo Ferrão
1BIPara	BrigRR	22SET06/22MAR07	290	TCOR Guerreiro da Silva
2BIMec	BrigMec	22MAR07/22SET07	290	TCOR Maia Pereira
2BI	RI 14/BrigInt	22SET07/19MAR08	290	TCOR Loureiro Magalhães
1BIPara	BrigRR	19MAR08/25SET08	290	TCOR Serra Pedro
AGRMIKE	RC6/BrigInt	25SET08/24MAR09	290	TCOR Bragança Rodrigues
1BI	RI 13/BrigInt	24MAR09/26SET09	290	TCOR Fernando Teixeira
1BIMec	BrigMec	26SET09/23MAR10	290	TCOR Lino Gonçalves
2BIPara	BrigRR	23MAR10/21SET10	294	TCOR Nuno Moreira
1BIPara	BrigRR	21SET10/24MAR11	294	TCOR Paulo Abreu
2BIMec	BrigMec	24MAR11/25SET11	157	TCOR Amaral Lopes
GAM	RC6/BrigInt	25SET11/25MAR12	157	TCOR Paulo Marques
1BI	RI 13/BrigInt	25MAR12/26SET12	157	TCOR José Sá
AGRINDIA	BrigMec	26SET12/26MAR13	164	TCOR Talambas
2BIPara	RI10/BrigRR	26MAR13/29SET13	164	TCOR Cordeiro
2BI	RI14/BrigInt	29SET13/06ABR14	177	TCOR Lúcio Gonçalves
1BIMec	BrigMec	06ABR14/04OUT14	182	TCOR Brito Teixeira
1BIPara	RI15/BRIGRR	19SET14/ABR15	177	TCOR Neves
GAM	RC6/ BrigInt	05MAR15/05OU15	177	TCOR Jorge Ferreira
2BIMec	BrigMec	05OU15	181	TCOR Cavacas Macieira
		<b>TOTAL</b>	6119	

**Legenda:** A amarelo missões com a participação de UEC/UEB de Cavalaria

**Fonte:** Comando das Forças Terrestres (CFT)

## ANEXO III – Missões do Exército Português no TO de Timor Leste

**Tabela 11**– Tabela resumo das Unidades que cumpriram Missões no TO de Timor Leste

FND	UN MOBILIZ	PERIODO	EFETIVO	CMDT
1BIPARA	BAI	14FEV00/21AGO00	707	TCOR SIMÕES
	EPI	21JAN01/07DEC01	10	MAJ AFONSO
2BIPARA	BAI	21AGO00/26FEV01	707	TCOR MARQUILHAS
2BI/BLI	BLI	26FEV01/08OUT01	759	TCOR FIGUEIREDO
	CPAE	11JAN02/11FEV02	3	MAJ Casimiro MENDES
1BI/BLI	BLI	08OUT01/08JUN02	759	TCOR F.SOUSA
		29ABR02/24JAN03		COR JERÓNIMO
2BIPARA	BAI	08JUN02/24JAN03	645	TCOR P SILVA
		24JAN03/25JUL03	12	COR BORGES
1BIMEC	BMI	24JAN03/25JUL03	645	TCOR Rodrigues HENRIQUES
AGR FOXTROT	BLI	25JUL03/24JAN04	645	TCOR Artur Carabau BRÁS
AGR HOTEL	BLI	24JAN04/JUL04	645	TCOR Francisco Xavier F. de SOUSA
		<b>TOTAL</b>	<b>5405</b>	

**Legenda:** A amarelo missões com a participação de UEC/UEB de Cavalaria

**Fonte:** Comando das Forças Terrestres (CFT)

## ANEXO IV – STANAG 4569

**Tabela 12**– Níveis de proteção da tripulação em viaturas blindadas para projéteis

Level	KE-Threat	Reference – Artillery – Threat
6	Weapon: Automatic Cannon, 30 mm Ammunition: APFSDS and AP Distance: 500 m Angle: frontal arc to centreline: $\pm 30^\circ$ sides included; elevation $0^\circ$	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 10 m Azimuth $360^\circ$ Elevation: $0 - 90^\circ$
5	Weapon: Automatic Cannon, 25 mm Ammunition: APDS and APFSDS Distance: 500 m Angle: frontal arc to centreline: $\pm 30^\circ$ sides included; elevation $0^\circ$	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 25 m Azimuth $360^\circ$ Elevation: $0 - 90^\circ$
4	Weapon: Heavy Machine Gun, 14.5 mm Ammunition: AP Distance: 200 m Angle: azimuth $360^\circ$ ; elevation $0^\circ$	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 25 m Azimuth $360^\circ$ Elevation: $0 - 90^\circ$
3	Weapon: Machine Gun and Sniper rifles, 7.62 mm Ammunition: AP tungsten carbide and AP hard steel core Distance: 30 m Angle: azimuth $360^\circ$ ; elevation $0-30^\circ$	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 60 m Azimuth $360^\circ$ Elevation: $0^\circ - 30^\circ$
2	Weapon: Assault rifles, 7.62 mm Ammunition: AP steel core Distance: 30 m Angle: azimuth $360^\circ$ ; elevation $0-30^\circ$	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 80 m Azimuth $360^\circ$ Elevation: $0^\circ - 22^\circ$
1	Weapon: Assault rifles: 7.62 and 5.56 mm Ammunition: Ball Distance: 30 m Angle: azimuth $360^\circ$ ; elevation $0-30^\circ$	Artillery 155 mm Estimated range of burst: 100 m Azimuth $360^\circ$ Elevation: $0^\circ - 18^\circ$

**Fonte:** (NATO Standardization Agency , 2012)

**Tabela 13**– Níveis de proteção da tripulação em viaturas blindadas para granadas e minas

Level		Grenade and Blast Mine threat	
4	4b	Mine Explosion under belly	10 kg (explosive mass) Blast AT Mine
	4a	Mine Explosion pressure activated under any wheel or track location	
3	3b	Mine Explosion under belly	8 kg (explosive mass) Blast AT Mine
	3a	Mine Explosion pressure activated under any wheel or track location	
2	2b	Mine Explosion under belly	6 kg (explosive mass) Blast AT Mine
	2a	Mine Explosion pressure activated under any wheel or track location	
1	Hand grenades, unexploded artillery fragmenting submunitions, and other small anti personnel explosive devices detonated anywhere under the vehicle		

**Fonte:** (NATO Standardization Agency , 2012)